



**Carlos Augusto Baptista**

**Resistência e Memória Contra-hegemônica:  
Um estudo sobre a luta de permanência do Museu da Maré**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Rafael Soares Gonçalves

Rio de Janeiro  
Junho de 2020



**Carlos Augusto Baptista**

**Resistência e Memória Contra-hegemônica:  
Um estudo sobre a luta de permanência do Museu da Maré**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Rafael Soares Gonçalves**

Orientador

Departamento de Serviço Social PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Andréia Clapp Salvador**

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

**Prof. Mario de Souza Chagas**

UNIRIO

**Prof<sup>a</sup>. Helena Maria Marques Araújo**

UERJ

Rio de Janeiro, 22 de junho de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

## Carlos Augusto Baptista

Graduou-se em Serviço Social pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); é membro do Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais (LEUS). Ministrou o Curso "Introdução à musicalização" no Museu de Arte do Rio (2015); Arte educador no II Programa Especial de Educação (Secretaria Extraordinária de Educação/década de 1990. Cantor/compositor/co-produtor musical (Banda Caixa Preta, 2010/Banda Black Rio/2019); produtor musical do DVD infantil Nana e Nilo e os Animais, ganhador do Prêmio de Arte Negra da FUNARTE (2013/2015), na categoria Audiovisual; artigos publicados: Movimentos Comunitários e os suportes tecnológicos: estratégias sócio-ocupacionais e saberes afro-periféricos (2015); O Serviço Social e as redes dialógicas: comunidades afro-periféricas e a Universidade Pública, em Havana-Cuba (2014); Comunidades Jongueiras: memória, territorialidade e africanidades, UFRRJ (2013); Tecnologias em redes e estratégias socioeducativas: produção de saberes em espaços não-escolares, UERJ (2013). Organizou o Seminário Internacional "A produção da Cidade Informal (PUC-Rio, 2018). Mediou mesa do Seminário "Jardim Gramacho: lugar extraordinário do lixo" (PUC-Rio, 2018).

### Ficha Catalográfica

Baptista, Carlos Augusto

Resistência e memória contra-hegemônica: um estudo sobre a luta de permanência do Museu da Maré / Carlos Augusto Baptista; orientador: Rafael Soares Gonçalves. – 2020.

95 f.: il. color.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2020.  
Inclui bibliografia.

1. Serviço Social – Teses. 2. Movimentos comunitários. 3. Resistência sócio-ocupacional. 4. Memória contra-hegemônica. 5. Cultura museal. 6. Micro-política. I. Gonçalves, Rafael Soares. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

Dedico este trabalho à minha família nuclear, minha mãe, meu pai e meus irmãos, por tudo que me ensinaram e fizeram para que eu pudesse crescer saudável e, em condições de representá-los em qualquer tempo, lugar ou condição.

Dedico à minha companheira Claudia Miranda pelo amor incondicional, pela inspiração permanente, pelo pragmatismo com as coisas da vida e em todos os instantes da feitura desta Dissertação.

Dedico também, à minha filha Luara, por ser a herdeira natural das sementes de sonhos, ilusões e utopias que me permiti lançar na terra.

## Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a todos os meus ancestrais, os mais velhos e as mais velhas.

Ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica PUC-Rio; ao Departamento de Serviço Social, seus funcionários, professores e professoras, pelo acolhimento e apoio, durante os dois anos de desenvolvimento do Mestrado.

Sou, profundamente, grato ao meu orientador, professor Rafael Soares Gonçalves pelo comprometimento incansável, pelo estímulo, pela cumplicidade e parceria, desde o primeiro momento dessa travessia. Agradeço à receptividade e acolhida em seu grupo de pesquisa e aos Leusíadas, pesquisadores e pesquisadoras do Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais- LEUS. Grato pelas trocas possíveis, nos eventos que organizamos e nas aulas, que partilhamos.

Sou, especialmente, grato pela composição da banca, com pesquisadores que admiro e tenho profundo respeito por suas trajetórias acadêmicas, comprometidas com a luta contra hegemônica. Professor Mário Souza Chagas, Professora Andréia Clapp Salvador e professora Helena Maria Marques Araújo.

Agradeço do fundo de minha ancestralidade, aos amigos e amigas do Museu da Maré, pela grandeza de suas vidas, pela oportunidade de conhecer seus modos *vivendis* e aprender com quantos fios se tece uma Rede de Memórias e com quantos tempos se faz um Museu na favela da Maré. Às lideranças, que, generosamente, nos concederam entrevistas (Claudia Rose, Lourenço Cezar, Luiz Antonio (Luizinho), Antonio Carlos (Carlinhos), Marcelo Vieira, Marco Antonio (Marquito) e a toda equipe, Marilene Nunes, Marli Damascena, Thamires Ribeiro, Vanessa Greff, Adrielly Ribas, Vera Marta Vieira, Maria Aparecida Rodrigues, Flavio Vidaurre, Maria Gabriela Duarte, Matheus Frazão, Leonice Oliveira, Yago Melo, Camila Moura, Jefferson Mello, muitíssimo obrigado!

Agradeço ao CNPq pela Bolsa, durante os dois anos do mestrado.

À PUC-Rio e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil/Código de financiamento 001), pelo apoio e auxílio concedido.

Aos meus irmãos e irmãs da Comunidade Negra Contemporânea e as diferentes linhas de luta contra todas as faces do racismo brasileiro.

Um axé trans-dimensional para todas e todos!

## Resumo

Baptista, Carlos Augusto; Gonçalves, Rafael Soares (Orientador). **Resistência e Memória Contra-hegemônica: um estudo sobre a luta de permanência do Museu da Maré**. Rio de Janeiro, 2020. 95 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Há um processo de apagamento das dinâmicas de produção de conhecimento que, emergem das periferias, de áreas urbanas precarizadas, localizadas em Morros, Favelas, Vilas e Cortiços. A presente pesquisa retoma os esforços de reconhecimento e visibilização dessas produções, tendo como campo de estudo o Museu da Maré e sua relação direta com processos de produção de memórias, em situações distintas e com diferentes atores sociais, imbricados na luta pela permanência e dinamização da cultura museal no conjunto de favelas da Maré. A dissertação analisa as estratégias e dinâmicas dos movimentos sociais locais, através do protagonismo de seus intelectuais orgânicos, as lideranças comunitárias que fundaram um dos primeiros museus de favela do mundo, no ano de 2006. O Museu da Maré se insere no esforço da museologia social em questionar a museologia tradicional, dando voz àqueles que sempre foram privados de protagonizar suas próprias histórias. O seu projeto museal resume em 12 tempos o processo sócio-histórico de produção do espaço urbano da Maré, através da descrição do cotidiano de seus moradores. Através da observação participante e de entrevistas semiestruturadas, o presente trabalho penetra na poética de construção e consolidação da memória coletiva, insurgente e contra hegemônica na Maré. O trabalho de campo acompanhou o conjunto de atividades promovidas pelo Museu, que revela uma práxis organizacional da memória local, em contraponto ao esquecimento gerado pela produção hegemônica do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, que produz cidade produzindo anti-cidade.

## Palavras-chave

Movimentos Comunitários; Resistência Sócio-ocupacional; Memória Contra-hegemônica; Cultura museal; Micro-política.

## Abstract

Baptista, Carlos Augusto; Gonçalves, Rafael Soares (Advisor). **Resistance and Counter-hegemonic memory: A study on the permanence struggle of the Museum of Maré**. Rio de Janeiro, 2020. 95 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

There is a process of erasing knowledge production dynamics that emerge from the peripheries, from precarious urban areas, located in Hills, Slums, Villages and Tenements. The present research resumes the efforts of recognition and visibility of these productions, having as their field of study the Museu da Maré and its direct relationship with memory production processes, in different situations and with different social actors, involved in the struggle for the permanence and dynamization of the museal culture in the set of favelas in Tide. The dissertation analyzes the strategies and dynamics of local social movements, through the role of their organic intellectuals, the community leaders who founded one of the first favela museums in the world, in 2006. The Museum of Maré is part of the effort of social museology in questioning traditional museology, giving voice to those who have always been deprived of leading their own stories. His museum project summarizes the socio-historical process of producing the urban space of Maré in 12 stages, by describing the daily lives of its residents. Through participant observation and semi-structured interviews, the present work penetrates the poetics of construction and consolidation of collective, insurgent and counter hegemonic memory in Maré. The fieldwork accompanied the set of activities promoted by the Museum, which reveals an organizational praxis of local memory, in contrast to the forgetfulness generated by the hegemonic production of the urban space of the city of Rio de Janeiro, which produces a city producing anticity.

## Keywords

Community movements; Socio-occupational resistance; Counter-hegemonic memory; Museal Culture; Micro-policy.



## Sumário

1. Introdução	12
2. Museu da Maré: uma era museal na favela	26
2.1. Um Ninho de memórias locais: trans-mídia e interdisciplinar	26
2.2. Práxis organizacional e memória étnica	33
2.3. O projeto museal do Museu da Maré	39
3. A Cidade Maré e as Marés da Cidade: marecidade	48
3.1. Produção socioespacial da memória: multimídia alternativa	48
3.2. Dona Orosina e os processos sócio-ocupacionais	53
3.3. O Morro do Timbau: Olhar do alto, as marés da “Baixa”	61
4. Memórias das Lideranças do Museu da Maré	70
4.1. Ser favelado	70
4.2. Da inserção política ao Museu da Maré	73
4.3. Fatores decisivos para o trabalho com a memória local	80
4.4. Desafios e perspectivas futuras	84
5. Conclusão	87
6. Referências bibliográficas	90

## Lista de figuras e quadros

Quadro 1- Informações sobre os entrevistados	16
Figura 1- Museu da Maré em dia de evento: sessões de cinema e lançamento de livro	40
Figura 2- Entrada do Museu da Maré.	60
Figura 3- Um dos “tempos” do Museu da Maré.	61
Figura 4- Tempo da Fé, um dos doze tempos, que compõem a exposição permanente do Museu da Maré	67
Figura 5- Cerimônia de entrega da medalha e do diploma da Ordem do Mérito Cultural Carioca	86

## Lista de abreviaturas e siglas

AB – Avenida Brasil

ABEPSS – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social

ADOV – Arquivo Dona Orosina Vieira

AL – América Latina

BDB – Base de Dados da Biblioteca da PUC-Rio

CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré

CEBs – Comunidades Eclesiais de Bases

CLN – Companhia Libras de Navegação

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONAM – Conferência Nacional de Associações de Moradores

CPDOC – Centro de Produção e Documentação da FGV

DEMU – Departamento de Museus Comunitários

DMF – Dicionário Marielle Franco

ECO – Escola de Comunicação da UFRJ

FIOCRUZ – Fundação Instituto Oswaldo Cruz

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LAMSA – Linha Amarela S.A.

LV – Linha Vermelha

MINOM – Movimento Internacional da Nova Museologia

MUF – Museu de Favela

MuM – Museu da Maré

MN – Museu Nacional

MR – Museu da República

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNI-RIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

# 1 Introdução

## Notas para uma observação do campo

### Resíduos de Memórias Afetivas

Entendemos a urgência do debate acerca da invisibilização e apagamento dos processos de produção de conhecimento, que emergem das periferias, de áreas urbanas precarizadas, ou, simplesmente, dos morros, das favelas e dos Cortiços (Gonçalves, 2013). Não se deve esquecer, que há nesses contextos, certas contradições, por conta de diferentes interesses ideológicos e políticos, entre aqueles que reproduzem o ideário hegemônico e aqueles que resistem e conseguem promover processos insurgentes.

Observa-se o esforço feito para resistir e enfrentar o poder dominante, nem sempre com palavras, mas, também, com outros recursos disponíveis na densidade sociocultural das classes subalternizadas com suas expressões culturais contra-hegemônicas.

Tais sujeitos ocupam esses espaços com suas ações e contradições, em constantes disputas de poder, entre si e, em confronto com as narrativas dominantes, aproximando-se do que Nancy Fraser (2018) vai classificar como “identidades imbricadas” e o que poderia se configurar também nas “transidentidades” para Scherer-Warren (2012), quando nos fala das “Redes Emancipatórias”. As dinâmicas e estratégias utilizadas pelas lideranças do Museu da Maré incluem a formação de redes, com diferentes linhas trançadas para “pescar memórias”, ressignificá-las e rerepresentá-las à sociedade.

Antes de retomarmos essa questão é importante salientar meu próprio trajeto de vida. A minha primeira experiência com a escola formal não durou muito. Por questões familiares, só entrei na escola com sete anos e saí em seguida, sem completar a primeira série. Acabei sendo alfabetizado em casa, por minha mãe, que me ensinava a ler, cantando sambas e pontos de terreiro, enquanto realizava as

atividades do dia-a-dia. Em tudo havia inspiração, provocação e motivo para algum tipo de leitura, sempre com pitadas de humor, apesar das dificuldades.

O material didático ou paradidático eram textos de jornais velhos, que ela trazia do lugar onde trabalhava, naquela época, na casa de um advogado, no bairro do Grajaú. Usava também receitas, bulas de remédios, textos das embalagens dos produtos consumidos em casa e letras de canções nas capas dos Long Plays- LPs de vinil, da casa da vizinha. Mãe solteira, chefe da família com cinco filhos. D. Maria José, sua vizinha, foi a principal parceira de minha mãe, em vários enfrentamentos. Juntas, elas botavam presenças indesejadas para correr.

Frequentar bibliotecas e comprar livros não foram hábitos do meu cotidiano na infância. Folheava as revistas de fotonovelas, em preto e branco, onde a estética era euro-dominante, mas, não me incomodava tanto o quanto incomoda, agora. Lia os livros em quadrinhos da coleção do meu irmão, que mal passou pela escola, mas era um sujeito sensível, inteligente e tinha “tino” para negócios. Era do tipo curioso introspectivo, que gostava de desmontar os brinquedos para entender como funcionavam.

No meu entendimento, minha mãe, meu pai e meu irmão, juntos e, separadamente, foram meus primeiros educadores e lideranças comunitárias, cada um ao seu modo. Por ter sido um adolescente no período mais “barra pesada” da ditadura militar, meu irmão não conseguiu estudar, se formar, nem entender de macropolítica, mas foi um sujeito extremamente pragmático, que me ajudou a perceber os fios que teciam os micropoderes locais, por onde aconteciam os movimentos comunitários daquela periferia carioca, nos difíceis anos 70, de chumbo e 50 tons de verde.

Desde criança, que tenho sido afetado pelas diferentes narrativas produzidas no mosaico da diversidade cultural brasileira. Talvez, por isso, tenha me voltado mais cedo para os caminhos encantados da leitura, da escrita e da escuta de diferentes vias sonoras. Todas as fontes de cultura e de memórias foram bem-vindas, naquela fase inicial da minha formação. Meu pai era pedreiro, carpinteiro, pescador e contador de “causos”. Reunia os amigos antes da pescaria noturna no Rio Guandu ou Rio dos Poços, e passavam à tarde inteira causeando.

Sem sombras de dúvida, Mariana Francisca Baptista, minha mãe, foi a primeira mulher, artista e liderança, que conheci. Ela nasceu no quilombo urbano do Morro São João, na zona norte da cidade e depois de circular por muitos lugares durante sua vida, faleceu em Queimados, no final da década de 1990. Eu, sempre atento, prestava atenção às conversas dos “mais velhos”, em outros momentos, ficava por horas com o “Ouvido Pensante” (Schafer, 2002) voltado para aquela caixinha barulhenta, um rádio de madeira, que significava a presença da “modernidade” e da tecnologia no cotidiano de famílias pobres, afros e afro-indígenas, periféricas, como a Villa Americana, no Município de Queimados, Baixada Fluminense, onde nasci.

Entre os resíduos de memórias ligados à presença e interferência da cultura radiofônica (Costa, 2010), chamava minha atenção, por exemplo, a criatividade no processo de instalação da antena externa, uma rede artesanal de fios de arames lisos esticados sobre o telhado da casa, conectados com o sistema do rádio, que ficava em cima da “cristaleira”. E, era um tipo de móvel multifuncional, para decoração e para guardar “coisas”, como objetos de memórias da família.

Tinha, até, peças de cristal, que, naquela época, não faziam nenhum sentido para mim, mas a “Cristaleira” já era uma presença sedutora, misteriosa e cheia de simbolismos. Esses resíduos de memórias da minha formação, de certa maneira, me conectam com as memórias dos nossos interlocutores, os fundadores do Museu da Maré, principais interlocutores da presente pesquisa. E, como afirma o museólogo Mário Souza Chagas (2018, p. 278): “Cada indivíduo carrega o seu próprio museu de memórias afetivas”.

O presente trabalho pretende analisar a formação e a atuação atual do Museu da Maré (MuM) através da observação de suas atividades e de entrevistas com seus principais líderes. Os relatos dos nossos interlocutores nos permitiram compreender o que chamamos de multimídia alternativa, que se configura pelo conjunto de ações e performances midiáticas desenvolvidas pelas lideranças comunitárias para construção do papel político do MuM.

Para compreender tal processo, realizamos uma série de entrevistas com as lideranças entre os dias 14 de outubro e 07 de dezembro de 2019, nas instalações do MuM. Entrevistamos seis lideranças, que integram a equipe de coordenação do

Museu da Maré, apenas duas não foram entrevistadas nas dependências do MuM, devido às suas agendas de compromissos em outras instituições, fora da Maré.

Dos seis entrevistados, apenas um não nasceu em favela, cinco não moram na favela atualmente. Entre os que nasceram em favela, só um do grupo inicial permanece na favela. Um veio da cidade de Barbacena, interior do Estado de Minas Gerais, para trabalhar e estudar. É graduado em arquitetura, um dos cursos mais embranquecidos do ensino superior e, devido ao seu nível de consciência política, acaba se encontrando com as lideranças da Maré e passa a fazer parte do processo de luta e construção do Museu da Maré.

Para gravar as entrevistas, utilizei um dispositivo móvel, com aplicativo de gravação. Optei por não gravar imagens dos entrevistados, durante as entrevistas, por entender que a presença da câmera e a sensação de estar sendo filmado pudessem causar algum tipo de desconforto ou preocupação, tanto para as lideranças, quanto para o nosso processo de trabalho.

Nas primeiras tentativas de aproximação, que definiram o início daquilo que entendemos como um período de pré-inserção, até os primeiros contatos, sensações, percepções, “escutas” e “olhares” estimularam formulações diversificadas sobre a realidade do campo, com seus componentes concretos e abstratos, permanentes e transitórios. Não tínhamos a dimensão de quanto ainda nos surpreenderíamos. E, ao longo do processo de pesquisa, nos surpreendemos de diversas formas, do início até o momento presente.

A formulação das perguntas e elaboração do roteiro das entrevistas foi um dos momentos mais difíceis, durante toda a pesquisa. Chegamos a um volume alto de questões, que foram estimuladas pelas vivências, entradas, saídas do campo e pela proximidade com os *modus operandis* dos nossos interlocutores. Logo, concluímos que seria inviável, do ponto vista técnico-operacional, manipular um questionário com tantas questões, e conseguimos reduzir para algumas perguntas-chaves, suficientes para problematizar nossas hipóteses, atender aos objetivos e consolidar o objeto da pesquisa.

Abaixo, inserimos uma tabela com o perfil dos entrevistados, com a finalidade de facilitar o entendimento sobre o percurso realizado por cada um, dentro e fora da favela.

Quadro 1- Informações sobre os entrevistados

ENTREVISTADOS	IDADE	LOCAL DE MORADIA ATUAL	FORMAÇÃO (INSTITUIÇÃO)
Lourenço Cezar da Silva	49	Vila do João	Geografia (PUC-RIO)
Antonio Carlos Pinto Vieira	54	Ilha do Governador	Direito (UFRJ)
Luiz Antonio DE Oliveira	52	Tijuca	História (PUC - Rio)
Marcelo Pinto Vieira	52	Engenho de Dentro	Artes Cênicas (UFRJ)
Claudia Rose Ribeiro da Silva	53	Ilha do Governador	História (UERJ)
Marco Antonio Fonseca	55	Santa Tereza	Arquitetura (Faculdade Gama Filho)

Fonte: própria autoria, 2020.

### Palafita, um fóssil habitacional

É importante apresentarmos inicialmente nosso campo de estudo. Estudos realizados a respeito da história da Maré informam que, na década de 1940, começou a ocupação do Morro do Timbau, em seguida, a Baixa do Sapateiro e Parque União.<sup>1</sup> Cada favela removida da Zona Sul poderia significar mais uma favela na Zona Norte, Zona Oeste ou Baixada Fluminense. Uma nova construção de grande impacto no plano de expansão da cidade exigia um novo contingente de trabalhadores, que precisava de lugar e casas para morar.

Assim, aumentava o volume de gente e, conseqüentemente, a dimensão do espaço ocupado também. Na falta de espaço em terra firme, os moradores construía as palafitas, que eram pequenas casas, erguidas e sustentadas por estacas de madeiras, sobre a lama do mangue da Baía da Guanabara.

Essa tipologia habitacional contava com um recurso de carpintaria, que garantia uma adaptação no tamanho das estacas, que alterava à altura das casas, de acordo com o nível das marés. Sendo tipo, a) Estacas curtas, para período de maré

<sup>1</sup> O complexo da Maré é composto atualmente pelas seguintes favelas: Conjunto Esperança, Vila do João, Salsa e Merengue (Novo Pinheiros), Vila dos Pinheiros, Conjunto Pinheiros, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz, Parque União, Parque Roquete Pinto e Praia de Ramos.



baixa. Tipo, b) Estacas longas ou emendadas, para o período de maré alta. Para Marco Antônio Fonseca (Marquito), o seu encontro com as palafitas mudou a sua visão como arquiteto, ainda na década de 1980:

*Uma casa que eu não esqueço, até hoje. Ela ficava na beira mesmo do mar, ela era de madeira, mas, ela era de chão. Então, assim, o pai e a mãe sem muitas reações, um filho que parecia doente, que estava assim, sabe, parecia lento, sabe? A família estava acomodada naquela situação, então, a gente viu que a pessoa precisava de muita atenção, além da arquitetura, sabe? Saúde urbana. A casa tem muito a ver com isso, não é mesmo? Com a questão da saúde. Então, foi onde eu comecei a conhecer a Maré. A partir daí, a gente tinha várias discussões. Por que essas últimas palafitas, elas seriam demolidas e essas pessoas seriam abrigadas no conjunto habitacional Nova Maré, que são aquelas casinhas, aqueles tijolinhos quando você passa, ali, na Linha vermelha, aí, você vê aquelas casinhas de tijolinho (Entrevista realizada no dia 07/ 12/2019).*

Marquito trouxe resíduos de memórias de sua relação com diferentes realidades da favela da Maré. Tais resíduos marcam também o momento em que ele começa a tomar consciência do que poderia significar uma arquitetura contra hegemônica, que fluísse de dentro da favela para o mundo. E, ainda, bem que artistas sonham e acreditam em seus sonhos.

A sensação é parecida com aquela provocada pelas ossadas de dinossauros no Museu Nacional. Quando entrei, pela primeira vez, no Museu da Maré, fui sugado para o interior da réplica de palafita, em tamanho natural, que é parte da exposição permanente e funciona como um portal de entrada para a viagem através dos 12 Tempos de Memórias do Museu.<sup>2</sup> A composição estética do interior da casa, a disposição dos objetos, dos móveis, com as marcas do tempo em que as pessoas moravam naquele tipo de moradia, por ser a única opção para garantir um pedaço de chão, posteriormente. A cor rosa do interior da casa (naquela época era comum, pintar de rosa, o interior das casas), foi uma conexão imediata com a casa da minha infância.

Marcelo Pinto Vieira é um dos criadores do primeiro projeto que produziu registros da história oral da Maré. Foi criado, inicialmente, com o objetivo de captar imagens e depoimentos sobre as atividades das Pastorais da Igreja Católica na favela, mas, acabou se transformando em importante base de dados sobre as

<sup>2</sup> O projeto museal do Museu da Maré divide a exposição em doze tempos, que refletem aspectos do cotidiano de seus moradores. Vamos analisar os doze tempos da Maré nos próximos capítulos.

memórias dos moradores mais antigos. Esse material foi quase todo recuperado e, hoje, faz parte do arquivo documental do Museu da Maré, que homenageia a primeira moradora do Morro do Timbau, Dona Orosina Vieira. Marcelo fala sobre seus processos com a TV Maré e suas memórias do Tempo da Infância:

*A coisa das entrevistas com a câmera VHS, entrevistando os moradores mais antigos e eles contavam histórias, falando da vivência, como foi viver nessa região antes da ocupação dos nordestinos, do pessoal do Estado do Rio. E, como eles falavam e descreviam um local, que não era o que eu vivi, por que eles falavam dessa rua, aqui, a Guilherme Maxwell. Eu lembro, de quando criança, porque estudei na Escola Bahia... Essa rua era cheia de casarões antigos. Eu lembro... Agente saía da escola e jogava pedras nos casarões, porque eram todos abandonados, eram chácaras de italianos, portugueses e de espanhóis. Eles contavam essas histórias (Entrevista em, 14/11/2019).*

Marcelo é professor de Artes Cênicas e cenógrafo responsável pela curadoria e elaboração das exposições do acervo do Museu da Maré. É importante notar que os resíduos de memórias, expostos em seu depoimento remontam um percurso entre as diferentes etapas de sua vida e dos processos sócio-ocupacionais daquele espaço, mesmo antes da chegada de seus familiares, vindos do nordeste.

Assim, como em muitas casas de gente pobre e periférica, lá em casa, ninguém havia lido Freud, Young, Certeau, Ricouer, Le Goff, Foucault, Bourdieu ou qualquer outro teórico que discutisse a terapia da fala, oralidade, interpretação de sonhos, cotidianidades, memórias, análise de discurso ou tampouco, microfísica do poder. Mas, tínhamos nossa plataforma cultural familiar e, conseqüentemente, política para produzir, conduzir e apresentar o nosso microespaço de memórias coletivas. Diariamente, como se fosse um programa de rádio ou de televisão, sem intervenção da indústria cultural hegemônica. Era nosso exercício de autogestão cultural da vida familiar e comunitária. Para o filósofo Zygmunt Bauman (2003) “Essa comunidade dos sonhos é uma extrapolação das lutas pela identidade que povoam suas vidas” (Bauman, 2003, p. 61).

De certa forma, tratava-se de uma pedagogia de resistência, através do reconhecimento da importância de preservar memórias, no cerne da estrutura de uma família pobre, mas, nem a pobreza, tampouco o grande capital, podem suprimir certos processos orgânicos de produção de intersubjetividades, no

interior das famílias, o que traça linhas contrárias às múltiplas opressões de dominação articulada pelas representações do poder hegemônico.

A presente pesquisa se situa no eixo da reorganização da cultura, produção da memória contra hegemônica e práticas insurgentes. Portanto, nossos procedimentos incluem um processo de leituras, observação participante, de cunho etnográfico, entrevista semiestruturada com as principais lideranças do Museu da Maré mencionadas acima, denominados aqui como intelectuais orgânicos locais. Escutas informais, com registros imagéticos e sonoros, como recurso para a construção de dados empíricos sobre a dinâmica organizacional/funcional do Museu da Maré, além de consultas ao arquivo documental D. Orosina Vieira e em bases de dados (BDB-PUC-Rio, CPDOC-FGV, Instituto Pereira Passos, Arquivo Geral da Cidade e O cidadão *Online e Dicionário de Favelas Marielle Franco*).

Daí a importância para os retalhos, partículas e resíduos das primeiras pistas, evidências e acontecimentos referentes ao tema e ao objeto motivador/gerador de um trabalho de cunho etnográfico. Era, assim, preciso conhecer esse local, chamado Maré. Certo desse compromisso com as dinâmicas do campo, adentrei com um caderninho, uma caneta e um celular. É a tecnologia, mas, sobretudo a arte e a criatividade a serviço da pesquisa qualitativa (Minayo, 2002). Trata-se de um estudo de caso inspirado no processo sócio histórico de criação, manutenção e permanência do Museu da Maré, considerando as diferentes estratégias de consolidação da memória orgânica dos moradores, questão do direito à cidade, à produção do espaço urbano e a urgência da questão étnico-racial.

### **Redes comunitárias e política de vizinhança**

Busquei inserir as primeiras apreensões a partir dos contatos com as ações promovidas pelos agentes do campo de pesquisa. Portanto, é fundamental pontuar a importância da processualidade das experiências de inserção. A partir do convite para conhecer um projeto que estava em andamento no Museu da Maré: “Projeto de Educação Ambiental e Comunicação Social do Programa de Revitalização, Urbanização e Recuperação Ambiental dos canais do Fundão e do Cunha”

(Secretaria Estadual de Meio Ambiente). Na ocasião, visitamos o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), localizado na parte alta do morro do Timbau.

Ao aceitar aquele convite, foi dado o primeiro passo na direção do que se converteria no tema desta pesquisa. Desde então, passei a buscar mais informações sobre a história do Museu e de seus fundadores. Procurei criar ou aproveitar as situações em que pudesse me aproximar desses sujeitos, para conhecê-los, por um misto de curiosidade e admiração política, em respeito à obra prima de arte coletiva e sociointerativa, exemplo de práxis de produção da cultura museal, que vem sendo desenvolvida ao longo do processo de construção do Museu da Maré.

Naquela primeira visita, não me dei conta de todo o potencial do Museu da Maré e, hoje, depois de me tornar um frequentador assíduo e participante, considero impossível, que alguém possa dar conta desse potencial na primeira visita. Cada vez, que entro naquele espaço, que pode ser entendido como templo de memórias detenho-me aos mínimos detalhes. Sinto como se fosse a primeira e, cada resíduo encontrado ali é um atravessamento.

A equipe do Museu cria e desenvolve processos de levantamento, identificação e seleção dos resíduos de memórias, através de variadas formas, para dar-lhes o tratamento adequado, arquivá-los ou acrescentá-los aos outros resíduos, que compõem o acervo de memórias dos moradores das diferentes Marés que formam o Complexo, onde está situado o Museu.

Quando comparamos famílias da Maré, da Villa Kennedy ou da Nova Holanda observamos a dificuldade de se preservarem memórias das pessoas que habitam nesses locais, alvos de intervenções urbanísticas resultantes, quase sempre, de planejamentos toscos, que desrespeitam os direitos dos moradores, porque não ouvem suas opiniões. Na visão de Clifford Geertz (1997):

Sejam quais forem as outras características que a Antropologia e a jurisprudência possam ter em comum— como, por exemplo, uma linguagem erudita meio incompreensível e uma certa aura de fantasia - ambos se entregam à tarefa artesanal de descobrir princípios gerais em fatos paroquiais. Repetindo, uma vez mais, o provérbio africano: “a sabedoria vem de um monte de formigas (Geertz, 1997, p. 249).

É comum, nesses espaços marcados por desníveis socioeconômicos e pela falta de acesso aos bens produzidos, socialmente, a reprodução excessiva do “olhar colonial” (Fanon, 2008), que se expressa, também, na forma como um pobre olha o outro pobre, procurando defeitos, para se sentir melhor diante do seu vizinho. Essas linhas comportamentais podem ser percebidas em relações interinstitucionais locais, entre dirigentes e dirigidos, entre moradores antigos e moradores novos, fixos ou temporários.

Nesses contextos se manifesta o elitismo local, geralmente em torno de uma Rede de serviços, públicos ou privados, onde praticam a reprodução das relações sociais de poder, do patrimonialismo, da distinção de classe e, em certos casos, também de cor. Para Lourenço Cezar da Silva: “*ter nascido, ter crescido e ser morador da favela tem um peso político diferenciado de alguém, que não tem esse mesmo percurso*” (Entrevista em, 14/11/2019).

Observa-se também pelas ruas da Maré uma invasão de grandes marcas, o que dificulta a percepção das marcas de memórias do lugar, ou seja, ao invés de processarem a memória do lugar, processam as memórias que são impostas pela indústria midiática, diariamente, através do consumo de produtos e *grifes*. Esse mecanismo incide, direta e negativamente, na construção da identidade local, na valorização ou não, da cultura orgânica, da memória local e do patrimônio material e imaterial. Claudia Rose, professora, historiadora, fundadora do CEASM, do Museu da Maré e articuladora do Ibram, destaca:

*Estamos, aqui, trabalhando nesse projeto, há muito tempo. Foi preciso um branco, europeu que, simbolicamente, ainda representa o colonizador, fazer elogios ao Museu, para a mídia brasileira dar alguma atenção e para o morador se interessar.*

Claudia Rose está se referindo à primeira entrevista dada pelo professor Boaventura Souza Santos a um determinado veículo de mídia, onde ele se referiu com elogios para o primeiro museu de favela do mundo, enquanto o próprio veículo de comunicação não havia se inclinado para perceber a importância do Museu da Maré. Quando se tem memória de sua própria história familiar, local e ancestral, já se tem um patrimônio cultural, de valor inestimável, que precisa ser cuidado, defendido e reconhecido como fonte de promoção da autoestima,

dignidade, de valores intransponíveis de cada indivíduo e da coletividade, podendo disparar os sentidos de uma percepção crítica da realidade.

Cada poço de memórias traz o DNA do seu processo de perfuração nas rochas do esquecimento, o que define o grau de pureza da água que se bebe. Quando a maré sobe ou quando a maré desce e, até mesmo, quando seca o mangue e a lama escura endurece, são dinâmicas socioambientais orgânicas da cultura dos manguezais. Fontes e Redes de Memórias produzidas no vai e vem das marés e de ondas ancestrais.

A pesquisa sobre resistência e memória contra-hegemônica privilegia o caso do Museu da Maré e procura entendê-lo como parte da Questão Social. Com suas expressões socioambientais, culturais e políticas em contextos de profundas desigualdades socioeconômicas, determinadas pelo modo capitalista de produção do espaço urbano e da complexa situação fundiária da cidade do Rio de Janeiro (Gonçalves, 2013) que, historicamente, tem dificultado e desconstruído processos de garantia do direito à cidade para a classe trabalhadora, sobretudo para os mais empobrecidos.

A existência de um museu no interior de uma favela pode parecer um delírio ou algo fora da realidade, para qualquer pessoa que nunca tenha entrado no Museu da Maré, por exemplo. No entanto, ninguém fica imune diante daquela réplica de palafita imponente como um Abre-alas, cumprindo a função de Portal de Entrada para um mergulho nas memórias da Maré.

O Complexo de favelas da Maré tem protagonizado cenas decisivas no campo da organização política e lutas em defesa do direito à moradia e ao desenvolvimento humano na cidade do Rio de Janeiro. Por isso, a oportunidade de estar no cotidiano de lideranças da Maré, nos proporcionou tocar nos fios que tecem as memórias, que formaram as redes de articulações desses sujeitos construtores da Maré, que não tem um cinema, mas tem um museu, que é cinema, teatro, escola, templo de artes dialógicas e, é um espaço trans-mídia, cada vez mais conhecido, internacionalmente.

Entendemos os Museus de favela como sujeitos coletivos catalisadores, formadores e gerados na dinâmica organizacional da memória coletiva insurgente,

no processo constituinte do desenvolvimento sociocultural da vida cotidiana. Portanto, ao procurarmos no meio dessa engenhoca de sentidos, os fios da ampla rede de memória coletiva, que sustenta as bases de resistência e fluxos de insurgências, aproximamo-nos dos indícios que orientaram a formulação de nossas hipóteses. Uma de nossas hipóteses é a de que, o desenvolvimento do Museu da Maré é fruto direto da necessidade de reorganização da cultura local, através da consolidação da memória orgânica e insurgente. Outra hipótese é a de que a dinâmica de organização institucional, da ocupação do imóvel (Galpão da antiga fábrica de peças de navio) ao enfrentamento jurídico-político pelo direito definitivo à propriedade são consequências do nível de formação intelectual e política de seus protagonistas. E, uma terceira, seria a de que a criação/fundação do Museu da Maré constitui uma estratégia de ocupação e de resistência social coletiva em prol da fixação de um *locus*, agregador de memórias, que se transformam em consciência política.

O mergulho inicial, nessa realidade foi, entre outras possibilidades, para apreender estratégias de resistir de modo transdimensional e transdisciplinar, mas, nossa inserção no campo foi marcada por atravessamentos diversos. Procuramos nos conectar, também, com a poética que constitui e é constituída pelos diferentes sentidos das marés, para além da estética expressa no modo dominante de ocupação do espaço naquela região.

Por isso, adotamos recursos chaves para o desenvolvimento de investigações, que priorizassem a produção da memória contra hegemônica e, para isso, buscamos um diálogo com a potência imagética, não só do museu, mas também da favela, contextualizada com a dinâmica socioespacial e socioambiental da cidade do Rio de Janeiro.

As imagens que registramos, durante o trabalho de campo, se transformam, automaticamente, em parte da nossa contribuição ao processo de produção da memória coletiva comum da Maré. Portanto, as fotos, desenhos, pinturas, grafites e gravações áudio- visuais, se juntam ao material já gravado, transcrito e transformado em “Caderno de Entrevistas” para compor a sessão dos Anexos da pesquisa e, que, depois, serão doados à coordenação do Museu da Maré.

As indagações e hipóteses iniciais foram se transformando em achados, como se já estivéssemos também “cavucando” resíduos de memórias, que possam interessar ao acervo do museu. Já que estamos discutindo e pesquisando sentidos insurgentes e processos de resistência e de produção da memória contra hegemônica, torna-se fundamental o posicionamento crítico e de ruptura com as noções euro-dominantes, que reafirmam a subalternidade.

O “norte” vem, historicamente, nordeando e subalternizando o sujeito colonizado de países periféricos e dependentes, situados no chamado sul- global, onde se encontra o Brasil. E, na lógica da reprodução das relações sociais, a hierarquização dos lugares de exercício de poder é um mecanismo, que funciona a partir de um ciclo vicioso, sobretudo em microestruturas de poder, perceptíveis nas performances de dirigentes das instituições formais e informais, presentes, também, nas vizinhanças do Museu da Maré.

As experiências e vivências, que observamos e participamos durante o período de desenvolvimento da pesquisa, foram todas geradoras e responsáveis por sensações de satisfação, de sentido agregador, quanto aos propósitos que tínhamos no bojo do projeto inicial. Desde quando iniciamos nossa inserção, com observações e participações no cotidiano das lideranças do Museu da Maré, até o presente momento, constatamos que o processo de produção de memórias é intenso e constante. Todo e qualquer acontecimento relacionado com um morador ou moradora da Maré, está também relacionado com o processo de produção de memória do Museu da Maré.

Quando vi a divulgação de um evento, que aconteceria na FIOCRUZ no dia 16 de março de 2018 e, que nesse evento, haveria a participação da professora Claudia Rose, automaticamente, pensei que deveria estar nesse evento, de qualquer jeito. Entre outros significados e resíduos de memórias produzidos naquele encontro, o dia 16 de março de 2018 se tornou o primeiro contato direto com uma referência do campo e objeto da presente pesquisa. Ali, foi possível observar, ouvir e trocar as primeiras palavras com Claudia Rose, liderança e guardiã das memórias e do legado de tantas outras mulheres negras, que lutaram pelos direitos à vida, à dignidade, à consciência política e à liberdade de expressão, na favela da Maré.



Durante todo o evento, fiquei elaborando um monte de perguntas para iniciar uma conversa com Claudia. Quando o mediador abriu para a participação da plateia, foi o momento de me apresentar e disparar uma pergunta de aprendiz de pesquisador, no início do trabalho de campo. Desse jeito, começamos uma experiência de profundo aprendizado com essa liderança orgânica do Museu da Maré, em plena articulação comunitária com sua vizinha institucional, a FIOCRUZ.<sup>3</sup> Daquele mês de março de 2018, até, exatamente, março de 2020, estamos nos relacionando com o campo e trabalhando os dados da presente pesquisa. E, através de uma sequência de eventos, pude compreender melhor a práxis organizacional das lideranças do Museu da Maré.

O objetivo geral do presente trabalho se volta em dar visibilidade às estratégias de produção epistêmica da memória, da história e da cultura subalternizadas, que resistem na condição favela, tratadas aqui, como Memórias Contra Hegemônicas e Insurgentes, a partir da experiência de resistência do Museu da Maré.

Quanto aos objetivos específicos, queríamos compreender as formas de resistências em favelas, que utilizam a memória como instrumento político, através de um artesanato intelectual, com linhas museológicas e socioambientalizadas pelo olhar socioassistencial crítico e transdisciplinar, focado no processo de garantia de direitos dos moradores da Maré.

---

<sup>3</sup> A FIOCRUZ está localizada no outro lado da Avenida Brasil e exerce forte influência sobre as favelas do seu entorno, como a Maré. Na FIOCRUZ está o Museu da Vida, vizinho e parceiro do Museu da Maré. Nesse período de contato com a vizinhança institucional do Museu, conhecemos a presidente da FIOCRUZ, ainda no início de sua gestão. Nísia Trindade é a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, desde 1900.

## 2

### Museu da Maré: uma era museal na favela

#### 2.1.

#### Um Ninho de memórias locais: trans-mídia e interdisciplinar

Observa-se a presença de outra cultura museal, seguindo as pistas da rede de museus de favelas (Chagas, 2018; Gouvea, 2018), que através das dinâmicas dos museus, já estão redefinindo a estética de alguns espaços da cidade, assim como o que acontece na Rocinha, com o Museu Sankofa; no Pavão-pavãozinho, com o Museu de Favela (MUF); na Vila Autódromo, com o Museu das Remoções; em Caxias, com o Museu Vivo de São Bento e na Maré, com o Museu da Maré, caso estudado na presente pesquisa. Quanto ao seu surgimento, Luiz Antônio explica que:

*A gente estava, lá, no CEASM. Isso por que esse movimento foi em 2001 para 2002, com o Mario Chagas. Mas, em 2003, a gente desce. A gente ocupa o espaço cedido aqui. A gente entra aqui em janeiro de 2003. Já, estamos aí, com o Mario Chagas também, como a pessoa que está conhecendo o lugar, tá chegando, trocando conversas, experiências, mas, a gente assim, a gente queria montar aqui, a Casa de Cultura da Maré com oficinas culturais, com a Rede de Memória. A gente queria trazer os projetos culturais do CEASM do Timbau, para cá. Então, mas, nessa conversa aí, de memória e de possibilidades, em 2004 surge o edital dos Pontos de Cultura, o primeiro edital dos Pontos de Cultura do Brasil (Entrevista realizada no dia, 14/11/2019).*

O campo nos revelou a existência de um musealismo crítico e engajado na luta comunitária, porém, não só com as ferramentas da museologia social, mas com todo acúmulo de mais de cinco décadas de resistência, prática política e diversas parcerias para organização e consolidação da memória local. E, Luiz Antônio acrescenta:

*Bom, aí na composição do projeto a gente pensa em fazer o quê? O “Museu da Maré, identidade e memória” e a gente entra no edital pra fazer um espaço de exposição, uma sala pequena de exposição com um arquivo deslizante, que era nosso desejo qualificar o arquivo. O arquivo era nosso ponto principal. Tudo era em função do arquivo, há outras coisas importantes, tudo era importante, mas, o arquivo era onde concentrava tudo (Entrevista em, 14/11/2019).*

A forma como esse grupo de intelectuais orgânicos elaborou o acervo do museu pode ser considerada uma intervenção concreta na dinâmica dos processos sociomuseológicos. É a favela reafirmando sua presença na construção da identidade cultural da cidade carioca e da sociedade brasileira.

Desde o início da odisséia dos museus contemporâneos de favelas, destaca-se o nível da produção dessa outra estética museal, além do avanço científico e tecnológico para garantir, consolidar e comunicar a existência de um patrimônio cultural imaterial, que traz em sua gênese, a memória sócio-política da produção do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro (Campos, 2010; Gonçalves, 2013).

Claudia Rose, em entrevista no dia 23 de novembro de 2019, destaca a importância das parcerias iniciais para a criação do Museu, com o pessoal do DEMU, departamento do IPHAN, voltado para os museus e centros comunitários, que depois foi transformado em Ibram (Instituto brasileiro de Museus). Claudia Rose lembra ainda a sua experiência direta no próprio Ibram: “*A gente participou, ativamente, da construção do Ibram, inclusive o Museu da Maré foi muito importante nessa constituição do Ibram [...] Eu fui trabalhar no Ibram*”.

Trabalhou de 2009 a 2013 e foi o período que não esteve à frente do museu, por falta de tempo. Nessa época, Claudia Rose foi coordenar o núcleo de museologia social, que era uma proposta nacional, para todo território brasileiro. Ao lembrar-se desse episódio, Claudia não esconde sua satisfação em ver o quanto a luta comunitária ultrapassou os limites invisíveis da favela e complementa:

*Então, a gente viajava o Brasil trabalhando com essa questão da museologia social. Então, veja que nesse sentido, como eu era do Museu da Maré, eu falava muito do Museu da Maré nessas viagens, nessas experiências, a gente conhecia vários lugares do Brasil (23/11/2019).*

Procuramos analisar as mudanças de percepção identitária, vividas nesse território. Ou seja, não é tão simples compreender como a favela da Maré passa a ser considerada um bairro, no contexto da zona da Leopoldina, vizinha da zona Portuária, que por sua vez, é vizinha da Pequena África. E a atividade portuária ainda é uma marca na formação identitária da região.

A memória operária da estiva está, diretamente, ligada à produção sócio-ocupacional do espaço urbano, que se avizinha do Porto e se estende até a Maré.

Atuam, hoje, na área da Maré, pelo menos cinco empresas de Contêiner (Multiteiner; NHJ do Brasil; Unitransservice- UNITRANS).

Durante quase dois anos frequentando o Museu e a favela da Maré, geralmente caminhando pela Avenida Guilherme Maxwell, algumas vezes, entrando pela Avenida Paris, observamos o dinamismo e a intensidade com que o cenário da vizinhança do Museu da Maré se transforma tanto e, em tão pouco tempo. São novos estabelecimentos comerciais, na maioria dos casos, restaurantes, academias e novas edificações, certamente com características de quitinetes para locação.

Orientados pelo desenho inicial do projeto buscamos descrever aspectos dos processos de produção de memórias, em situações distintas e com diferentes atores sociais, tendo em vista, que esses estão imbricados na luta pela permanência e dinamização do Museu da Maré, que atravessa e é atravessado pela rotina da favela. Enquanto se desenvolve, a cada mergulho dado nas marés de memórias produzidas no seu interior, abrangem relações com seus interlocutores, representantes, vizinhos e apoiadores, que moram na favela e, também, com os que não moram mais na favela.

Apoiando-se em pressupostos teóricos de Gramsci (1981; 1999), procuramos analisar a ideia de reorganização da cultura das classes subalternas e as perspectivas contra-hegemônicas para transformação da sociedade. Transformação que sinalize o fim das desigualdades socioeconômicas e as injustiças praticadas, diariamente, contra os mais vulneráveis e mais empobrecidos.

O papel do Museu da Maré, enquanto organismo sociocultural trans-mídia, com suas dinâmicas que atravessam a dorsal imaginária e factual da favela, para além de guardar memórias, consiste em ressignificá-las, estimulando o olhar crítico dos próprios moradores e de visitantes interessados nas “marés de memórias”.

Conforme descreve Helena Maria Marques Araújo:

O Museu da Maré é um espaço não-formal de educação e de produção de conhecimento. A expressão “lugares de memórias” foi cunhada por Pierre Nora (1993) e, engloba, socialmente, os museus, escolas, universidades, sindicatos, fundações culturais, ruínas, conjuntos arquitetônicos, agremiações, clubes, arquivos, centro de documentações, dentre outros (2012, p. 99).

Questiona-se, ainda, sobre que memórias interessam aos nossos acervos individuais ou coletivos, já que, nos espaços formais da hegemonia dominante, o que não representa e não está a serviço do poder hegemônico, definitivamente, não merece atenção. Concordamos com Araújo (2012) ao se apropriar de Pierre Nora para explicitar o caráter pedagógico multidisciplinar e não-formal do Museu da Maré. Após, tudo que vivenciamos e escutamos no campo, em contato direto com as lideranças do museu, podemos acrescentar que se trata de uma plataforma trans-mídia e multidimensional em permanente produção de conhecimentos da práxis organizacional da memória dos moradores da Maré.

As memórias podem ter lugares predeterminados, mas podem também estar e circular em qualquer lugar. O Museu da Maré é local e internacional, a memória produzida na Maré, através da tecnologia museal desenvolvida por seus protagonistas, pode ser conectada com outras redes de memórias, em outras partes da cidade e com determinados recursos atuais das avançadas tecnologias de comunicação, pode se conectar com o mundo.

Algo importante também é a dimensão afetiva. Para Lourenço Cezar da Silva (2018): “*as experiências de lazer em torno dos campos de várzea fazem parte da história da Maré*”. Com certeza marcaram, também, sua vida e a potencialização da memória afetivo-política daquele contexto que, tem certa influência sobre sua formação sócio-política de intelectual orgânico da favela:

As experiências de lazer deixaram novas dinâmicas sociais à memória do bairro. Essas dinâmicas acabaram por construir uma parte importante da história da Maré [...] E, podem ser pensadas como uma prática de resistência ao processo de urbanização em curso (Silva, 2018, p. 95).

Evidencia-se na fala de Lourenço a denúncia de quem vivencia, ao longo da vida, as consequências dos processos de produção do espaço urbano, pelo seu lado mais violento e desigual.

Sobre as redes que se formam a partir da dimensão do afeto, Claudia Rose relata uma experiência interessante sobre o papel das memórias e, conseqüentemente, do museu no cotidiano da favela:

*Então, assim, a questão aqui, a proposta do museu não é ter alguém falando sobre a Maré, mas são os moradores que constroem e continuam mantendo esse espaço. Então a gente tem morador que vem aqui e fala assim “Não, não quero visita guiada não, isso aqui é minha história, eu sei de tudo”. Então um dia até achei interessante que uma menina de 23 anos falando isso. Ela trouxe duas pessoas, um casal e, parece que uma menina era irmã dela e o cunhado, mas, que eles não moravam aqui. Aí, ela veio trazê-los pra visitar o museu. Aí, eu falei assim “Ah! Está bom! Vou ver alguém pra realizar a visita com vocês”. “Não, não, não, já sou daqui, essa é minha história, conheço, nasci aqui...” (Entrevista concedida no dia, 23/11/2019).*

Esse tipo de relato revela muito do que estamos chamando de rede de memórias afetivas, que trançam os fios dos tecidos comunitários entre parentes, vizinhos e amigos, nas periferias, subúrbios e favelas.

A produção do espaço urbano vem com suas dragas, como se fossem máquinas de guerra e devoram tudo que encontram pela frente. Quando um campo de futebol de várzea, por exemplo, é destruído, não se perde só um ponto de encontro, além da questão objetiva do espaço físico, fragmenta-se a dimensão subjetiva da rede de afetos, que se forma nesses ambientes socioesportivos.

Há, assim, muitas distinções e riquezas entre os diferentes territórios da Maré. Para Roberta Lemos Gadelha da Silva (2016):

*Tendo em vista a grande extensão territorial do Complexo da Maré, é importante destacar que as suas diferenças internas devem ser pesquisadas, pois, na verdade, há quase que bairros e favelas dentro de uma mesma favela. Além disso, os pobres que residem nas favelas não são iguais, destacando a existência de desigualdades na pobreza (Silva, 2016, p. 15).*

É de suma importância conhecer a Maré, seus territórios e suas distintas formas de ocupações do espaço para a produção das dinâmicas próprias da vida local, contextualizada com o modo de organização da cidade. Antônio Carlos Pinto Vieira (2006, p.3) destaca que:

*[...] atuam na Maré várias organizações não-governamentais, sendo as mais expressivas, a Viva-Rio, a Ação Comunitária do Brasil e o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM, uma instituição de origem local. Do ponto de*

vista político, as principais instituições são as associações de moradores, que tiveram um papel, preponderante no processo de permanência e organização do bairro e hoje, bastante esvaziadas de representatividade institucional, são ainda numerosas, num total de quinze associações.

Vieira (2006, p.4) trata de identificar as principais dinâmicas que definem o complexo de favelas sem deixar de dar ênfase para a situação histórica e para a localização estratégica da área:

Os canais de comunicação com a cidade se davam por meio de pequenos portos por onde era escoada a produção, estando os principais localizados na região da Maré: os portos de Inhaúma e Maria Angu. Assim permaneceu a região, como parte da freguesia rural de Inhaúma e importante referência econômica, até o final do século XIX, quando passou por um processo de mudança no esteio das transformações da economia capitalista mundial, na chamada Segunda Revolução Industrial. Numa região tão distante, esse processo se materializou com a inauguração da estrada de ferro da Leopoldina Railway (Vieira, 2006, p. 4).

Ao iniciar a busca desses dados, chama à atenção a riqueza dos aportes já produzidos e que não podem deixar de ser considerados em investigações futuras. A pesquisa realizada, no campo da Memória Social, foi crucial para compreender a dinâmica organizacional de um Museu de favela, sendo esse fruto de um trabalho articulado em rede. Outro aspecto central na pesquisa de Vieira (2006) é sobre o fenômeno migratório e o mosaico imbricado, que constitui a Maré e suas memórias. Estado, novas processualidades e sentido comum, entrecruzam-se na experiência de viver em outro lugar:

O fenômeno migratório que se deu a partir da década de 1940 foi preponderante para a ocupação da Maré. Se inicialmente o fluxo migratório compreendia populações vindas principalmente do interior de Minas Gerais e interior do estado do Rio de Janeiro, a partir da década de 1950 vai se intensificar a migração oriunda dos estados do Norte e Nordeste. O entorno da Avenida Brasil, logo vai ser apropriado por essa população que aqui chegava para buscar emprego e moradia. As indústrias situadas ao longo da via, as grandes obras públicas como a construção da Cidade Universitária e os terrenos alagadiços e devolutos ofereceram as condições para a ocupação, que mesmo com a repressão do poder público, se constituiu num dos maiores processos de conquista da moradia já ocorridos na cidade (Vieira, 2006, p. 4).

A conformação do território não pode ser analisada isoladamente e, tampouco as tensões que os processos migratórios apresentam. No entanto, esses interlocutores, pelo fato de estarem ligados, direta ou indiretamente ao

campo/objeto desta pesquisa, são responsáveis também pela consolidação do argumento que estamos teorizando sobre a práxis organizacional da memória de processos insurgentes e contra hegemônicos, que sinalizam a existência de novas formas de política, protagonizadas por lideranças comunitárias e não pela classe dominante.

Identificamos fatos determinantes para compreendermos o processo sócio-histórico das favelas e seus desdobramentos com relação aos diferentes modos de ocupação do solo urbano. Favelas como a do Morro da Providência e a do Morro Santo Antonio trazem em sua gênese, algum tipo de relação com as forças armadas. A presença militar na favela da Maré está imbricada com a própria memória política dos moradores, desde o início.

Apesar de não ser uma lembrança agradável, os moradores não se esquecem do tempo em que os militares cobravam taxas e interferiam, diretamente, no modo de vida da favela, determinando, inclusive, o horário de dormir, em forma de “toque de recolher”. Abordaremos mais essa temática, nos capítulos seguintes.

Aprendemos nas diferentes dinâmicas museais, que o museu pode ser visto ou entendido como um campo, onde se joga o jogo dialético da memória, onde se aprende a lembrar o que não deve ser esquecido e a esquecer o que não é necessário lembrar (Chagas, 2018). Desde lembranças de tempos de infâncias, correndo atrás de bola nos campos de várzeas, às memórias dos pescadores em torno do mangue, que foi aterrado para ser transformado em chão. Ou, simplesmente, as memórias dos campos de plantação, quando a cultura urbana não tinha tanta relevância para quem veio do interior. Todas essas memórias cabem em um museu elaborado por uma intelectualidade orgânica e coletiva, que capturou entre os escombros e cascalhos da construção da cidade, fragmentos de memórias que seriam esquecidas no aterro das diferentes marés.

São memórias de lutas, de conquistas e derrotas, mas, sobretudo, de resistências e insurgências, mesmo em condições adversas e desiguais. Ao mesmo tempo, essa varredura favoreceu a localização de pistas sobre os fios de uma teia fundamental de formação propositiva para intervenção coletiva no imaginário da favela, bem como as expressões do “espírito comum” (Paiva, 2003) ou as complexas implicações do comunitarismo (Bauman, 2003).



Nos trabalhos produzidos por intelectuais pertencentes ao território, as demandas se alinham e se entrecruzam. A violência institucional e a desapropriação dão o tom da problemática exposta. Os pressupostos teóricos da *microfísica do poder* (Foucault, 2014) nos ajudam a compreender a formação de certas microestruturas de elites locais, regionais, nacionais e internacionais, em suas densidades contraditórias:

Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. Nem a dialética (como lógica de contradição), nem a semiótica (como estrutura da comunicação) não poderiam dar conta do que é a inteligibilidade intrínseca dos confrontos. A "dialética" é uma maneira de evitar a realidade aleatória e aberta desta inteligibilidade reduzindo-a ao esqueleto hegeliano; e a "semiologia" é uma maneira de evitar seu caráter violento, sangrento e mortal, reduzindo-a a forma apaziguada e platônica da linguagem e do diálogo (Foucault, 2014, p. 05).

Constatamos também, que o Museu em funcionamento produz, através de suas exposições, diferentes linhas de contra-narrativas, onde as imagens de pessoas, objetos e ambientes locais estão na centralidade. É como se através dessa ampla produção sócio-museal, nossos interlocutores estivessem reposicionando antigos habitantes da favela no debate contemporâneo. Araújo (2017, p. 94) afirma que “museus comunitários e/ou ecomuseus – denominados por nós, na presente publicação, também de contra-hegemônicos – foram criados no Brasil a partir de 1983, mas só surgiram em 2006 no Rio de Janeiro, com o Museu da Maré”.

## **2.2. Práxis organizacional e memória étnica**

Entendemos que diversos profissionais, como assistentes sociais, educadores e psicólogos, que atuam na ponta, poderiam construir pontes de diálogo com a museologia social e, sobretudo, com a rede de museus de favelas. Esse diálogo poderia trazer novas ferramentas e contribuições ao processo sociointerventivo nas favelas do Rio de Janeiro. No entendimento de Maria Aparecida Miranda, Assistente Social, pesquisadora, fundadora do CEASM e ex-moradora da favela Nova Holanda:

Todos os estudos sobre a vida cotidiana indicam a complexidade, contraditoriedade e ambiguidade de seu conteúdo. E o que é mais importante, a vida de todos os dias não pode ser recusada ou negada como fonte de conhecimento e prática social; de fato, ela é uma das principais formas de manifestação da história. Nela, o homem se depara com alternativas e escolhas e, devido a isso, forma a sua consciência, faz-se indivíduo e parte de um coletivo. É no cotidiano que este indivíduo/ser coletivo elabora suas representações, estratégias de convivência, participação e conquistas (Miranda, 1997, p. 8).

Importante observar, que a fala de Miranda, que é uma das fundadoras do CEASM, já sinalizava para as possíveis escolhas que se pode fazer, a partir da realidade que se vive na favela. E o Museu da Maré é um exemplo perfeito de escolhas feitas pelo coletivo de lideranças, que são nossos interlocutores na presente pesquisa. Para consolidarmos nosso referencial teórico, considerando o caráter *decolonial* das memórias contra hegemônicas, tornou-se imprescindível, para o avanço da pesquisa, a leitura e compreensão de determinadas temáticas e abordagens de alguns pensadores pós-coloniais, como o afro-martinicano Frantz Omar Fanon (2008) e o Peruano Aníbal Quijano (2005).

As zonas periféricas e empobrecidas da cidade do Rio de Janeiro foram, historicamente, ocupadas por contingentes populacionais provenientes das zonas rurais e cortiços urbanos, onde a população negra se fazia presente. Podemos lembrar, ainda, dos atravessamentos bem apontados, no Samba Enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira “História pra ninar gente grande” (2019):

*Brasil, o teu nome é Dandara  
E a tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati  
Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo...*

Os versos acima indicam importantes rupturas com narrativas hegemônicas sobre a condição real dos segmentos afetados pelo racismo estrutural, responsável pela produção do silenciamento de memórias fundamentais para formação de uma lógica contra hegemônica, no seio do amálgama étnico-racial, constituído por afros e afro-indígenas, presentes no interior da favela e na composição da equipe que fundou o Museu da Maré

Na visão de José Jorge de Carvalho (2005, p. 124): “o discurso branco hegemônico, avança [...] impondo mais silêncio e colocando ainda mais pressão destrutiva sobre a comunidade negra”. E, se assim, pudermos considerar, pesquisar processos contra hegemônicos em espaços periféricos exige maior atenção com aspectos relacionados à racialização do contingente não hegemônico, formados pelos que não aparecem nas funções dirigentes e não aparecem também nos acervos de memória dos museus tradicionais.

Quando visto de fora, o Museu da Maré é só mais um galpão, como tantos outros, que existem naquela área. São galpões construídos por empresas, para servirem de depósitos, armazéns ou mesmo, saguão de produção, como o caso de uma fábrica de macarrão, que na década de 1990, era uma opção precária de emprego, para jovens do Complexo da Maré.

A análise sobre os processos de ocupação e produção do espaço na favela da Maré revelou pistas preciosas, para se entender as estratégias de conceituação desse importante acervo de memórias contra-hegemônicas da Maré e suas contribuições para um melhor acabamento da ideia de cidade, a partir daquele contexto. Estamos de acordo com a opinião do geógrafo Andreilino Campos quando afirma que:

O movimento dos quilombolas, além de se constituir numa resistência ao sistema escravagista, participava do movimento de expansão da cidade. A proximidade dos quilombos com áreas habitadas, tanto nas freguesias urbanas como nas rurais, fazia com que essas estruturas espaciais, de temporalidade flexível, funcionassem como ponto avançado das redes de comunicação entre os diversos atores envolvidos no processo (Campos, 2010, p. 39).

Em seus estudos, dedicou-se, sobretudo, a desvendar os “territórios criminalizados”, suas características, os processos de formação e as inspirações quilombolas contidas na práxis desses fluxos sócio-ocupacionais, em espaços rurais e nas periferias urbanas. São memórias produzidas ao longo desse extenso processo de disputas territoriais, de narrativas, simbologias e atemporalidades.

Elas estão nas corporeidades e no imaginário dos sujeitos, que herdaram as culturas de seus ancestrais, incluindo as dores, as tristezas, mas, sobretudo, a inteligência e a capacidade criativa de se reinventar, se reapropriar, através da

“ancestrospectividade”, ou seja, lembrando e percorrendo, simbolicamente, os possíveis caminhos de seus ancestrais, para retomar e reinterpretar suas perspectivas.

Ao passarmos sem cair por onde os nossos mais velhos caíram, já entramos em outra dimensão da memória-ativa e, os centros de memórias, os terreiros, os museus contemporâneos, comunitários ou de favela estão dispostos a cumprir essa função de espaço de produção de outras epistemologias e outras perspectivas de sociabilidade crítica, no cotidiano da favela. O Museu da Maré, diante do que temos vivenciado, durante o trabalho de campo, por conta de suas características, se constitui em um portal para todas as reflexões, que brotam no fluxo das memórias de antigas marés soterradas no tempo da invenção do chão.

A sociabilidade cerceada ou totalmente proibida e toda sorte de torturas, não deixavam outra opção, para centenas de milhares de escravizados, nos tempos sombrios da escravidão. Para permanecer vivo, era preciso negociar a própria vida, diariamente. Ou eram consumidos pelos excessos daquela forma desumanizada de estar no mundo ou resistiam à morte, enquanto elaboravam, exaustivamente, os processos de insurgências e de fuga.

Pode-se afirmar que, as memórias de uma espécie de ética insurgente, construída na necessidade de se livrar dos grilhões e das correntes da servidão e dos maus tratos escravagistas, podem ter produzido na subjetividade e no universo simbólico da gente negra, algum tipo de trauma de sociabilidade. E, talvez, essa memória traumática explique parte da fragmentação no interior das classes subalternas, sobretudo, quando pensamos em uma suposta articulação de forças contra hegemônicas.

Portanto, nesses contextos habitados por pretos, pardos e brancos pobres, nivelados pela condição econômica, porém desnivelados pela lâmina cromática do capital simbólico da branquitude, que empresta “cotas” de sensação de superioridade aos sujeitos de pele clara. Quanto a isso, Bárbara Weinstein (2013, p. 8) comenta: “[...] E, questões como o “embranquecimento” da classe operária, tanto devido ao apoio oficial à imigração europeia, quanto ao imaginário que ligava a tecnologia moderna ao trabalhador livre e branco”.

Há famílias que herdaram patrimônios produzidos durante a escravidão negra, mas não aceitam discutir, por exemplo, a dupla influência da herança da escravidão na produção do quadro de desigualdades socioeconômicas na sociedade contemporânea. Em sua análise sobre o racismo à brasileira, Lilia Moritz Schwarcz (2017, p. 103) questiona: “Como determinar a cor se, aqui, não se fica para sempre negro e/ ou se “embranquece” por dinheiro ou se empretece por queda social”?

Essa modalidade de memória não tem interessado tanto para as classes dominantes, mas interessa para as classes dominadas. É possível, que esteja nelas o antídoto para uma série de doenças da psique e comprometimentos, que afetam as populações herdeiras do fardo histórico da escravocracia e, ainda herdam as dores das perdas de todos os dias nas favelas e periferias dessa cidade.

Assim, como afirma Maria Antonieta Antonacci (2014), “Festas, memórias e práticas culturais negras clamam por formas cognoscíveis em suas cosmologias, para além de recortes letrados e raciais” (Antonacci, 2014, p. 201). Por essa ótica, pode-se ampliar o debate acerca da dialética da memória, na linha do enfrentamento, da disputa pelos espaços das narrativas, do imaginário, do político e do patrimonial no espaço urbano.

Para Marina Maciel Abreu (2002), há “perfis pedagógicos” nos processos organizacionais da cultura, quando articulada por intelectuais orgânicos das classes subalternas. A consolidação da memória insurgente e contra hegemônica, representada pelos processos das lideranças do Museu da Maré, pode ser um chamado para apostarmos na possibilidade de reorganização da cultura da memória crítica e da produção intelectual/acadêmica.

Observamos os diferentes sentidos da contra-hegemonia, que parece ser uma potência oculta capaz de possibilitar o reposicionamento das massas orgânicas, lideradas por suas intelectualidades e não por líderes fisiológicos, sem ética e sem compromisso com as classes subalternizadas. Ao discorrer sobre temáticas e conceitos referentes aos Movimentos Sociais, Ilse Scherer-Warren (2012, p. 21) acrescenta que:

Movimentos sociais, enfim, são redes sociais complexas, transcendem organizações empiricamente delimitadas e que conectam, de forma simbólica, solidarística e estratégica, sujeitos individuais e atores coletivos, que se organizam em torno de identidades ou identificações comuns [...] As identidades e os conteúdos das lutas podem ser específicos (ambientalista, feminista, étnico etc.) ou transidentitários (eco-feminismo, anti-racismo ambientalista etc.).

As transidentidades apresentadas por Scherer-Warren nos ajuda a articular o fluxo de ações interdisciplinares dispostas no campo, onde poderes locais e extra-locais, demandados por distintas orientações ideológicas e políticas com diferentes interesses, atuam e contribuem na formação do mosaico transidentitário local. Uma vez, que ao caminhar pelas entranhas das favelas, por entre as favas e vielas, é possível percebê-las, as identidades em pleno transe, desenvolvendo-se e transformando-se em outras identidades, às vezes, também transitórias e de difícil identificação.

Vivenciar o cotidiano de uma favela carioca significa estar diante de realidades e acontecimentos, historicamente, interpretados de forma enviesada e com certa intencionalidade de associar tais espaços à ideia do “atraso”, do “risco”, da “marginalidade”, do “crime” e da “violência” (Campos, 2010; Gonçalves, 2013).

(Re) fazer a memória desses espaços é parte de um aparato estratégico para construir bases de resistência da população favelada. A escuta sensível foi parte das formas de entender as confluências e a discussão sobre resistência, que depende dessas interseções. Trata-se de “outras narrativas em disputa” em um jogo que envolve favelados e não-favelados, moradores, ex-moradores, simpatizantes e apoiadores do Museu da Maré.

Desde os primeiros impulsos, que resultaram no interesse por esse tema, por esse campo e, conseqüentemente, pela construção do nosso objeto de pesquisa. A sensibilidade, a intuição municiada de certo grau de consciência da importância sócio-política das lideranças comunitárias, os intelectuais orgânicos no interior da favela da Maré têm dado o tom para tecermos nosso artesanato metodológico.

Compreendemos, assim, que a memória é um dispositivo fundamental nas estratégias de reorganização da cultura de resistência social e organização política na favela. Da mesma forma, um Museu local pode se configurar em um ponto de

encontro - do tempo vivido com o tempo sonhado, do real com o idealizado –, ou seja, como laboratório de produção do capital simbólico -, representado pela memória coletiva insurgente e contra hegemônica.

Há no cotidiano das favelas, bairros e comunidades periféricas, uma intensa produção de conhecimento, gerada nas diferentes necessidades de seus moradores e seus modos de se relacionar com a cidade, mais precisamente, com as dinâmicas de produção/ocupação do espaço urbano. Nessa fase, já se falava e trabalhava com memórias, mas, não se falava, nem se trabalhava com museus e, muito menos com museus de favelas ou de periferias, que tratassem de suas próprias memórias.

### **2.3. O projeto museal do Museu da Maré**

Aprofundaremos, nesse capítulo, a atuação do Museu da Maré através de nosso trabalho de campo, incluindo os resultados das entrevistas realizadas com as lideranças comunitárias, responsáveis pela criação do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) e pelo Museu da Maré (MuM).

A luta pela existência do MuM começou em 2001, quando as lideranças iniciaram a ocupação do imóvel. Após, o processo de limpeza do terreno e organização básica do espaço interno, trouxeram o arsenal de memórias, que foi produzido pela TV Maré, durante a década de 1980. Esse material se encontrava na sede do CEASM, depois de ter sido cuidado pela rede de memórias da Maré.



Figura 1- Museu da Maré em dia de evento: sessões de cinema e lançamento de livro.  
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Completamos dois anos de interação direta com o campo, para apreendermos a sua *práxis* organizacional, prestando atenção no máximo de detalhes, nas performances dos sujeitos imbricados em relações sociais e interinstitucionais desenvolvidas entre/com a vizinhança. O MuM expressa os conflitos de memória através de conflitos cotidianos. Para Marcelo Vieira, trata-se da disputa de território:

*Tem essas informações, pra saber. Eu acho que paro país, pro Rio de Janeiro saber dessa história eu acho que é fundamental. E a gente com esse movimento todo sabe disso. O Museu, ele é um local de muitos conflitos. Conflitos territoriais e locais e de muitas disputas. Disputa de poder, disputa de... Tô falando, não é só do tráfico não. Estou falando geral, de tudo, até, propriamente, da galera que tem um pouquinho mais de estrutura. Mas, disputa de poder pelo espaço, pela gana do poder de informação, te traz o quê? Grana! E, grana te remete ao quê? A poder, não é? (Entrevista em, 14/ 11/ 2019).*

Marcelo está se referindo aos diferentes enfrentamentos e negociações, que a equipe vem fazendo, ao longo de 13 anos, para garantir a permanência física do Museu e a continuidade do trabalho, que começou na década de 1980, quando ele, seu irmão Carlinhos e um grupo de pessoas, criaram a TV Maré e realizaram os primeiros registros de história oral dos moradores. Esse tópico será abordado, ao



longo deste capítulo. O MuM foi objeto de uma ação de reintegração de posse do proprietário do imóvel e essa questão será abordada também mais adiante.

Entre tantas disputas e conflitos, o Museu se impõe, resiste e garante sua permanência em posição de *vanguarda* no processo de reorganização da cultura local e consolidação da memória coletiva da Maré. Um conjunto de fatores contribuiu para que esse processo alcançasse longevidade, atravessando décadas, abrindo e fechando ciclos e se transformasse em uma base de resistência, insurgências e produção contra-hegemônica.

Sobre essa questão, Manuel Castells (1980) constata que a experiência do movimento de favelados pode ser assinalada e utilizada pelo conjunto do movimento cidadão, isto é, no que diz respeito à relação entre solidariedade, do bairro, mobilização pela base e negociação institucional de uma alternativa urbanística (Castells, 1980, p. 70). Lourenço Cezar lembra que sua formação política está, diretamente, ligada à sua entrada no CEASM:

*É engraçado por que lá do CEASM, eu acho que fui o único que participei um pouco da vida orgânica, dentro do partido, de ir aos congressos, de diretórios, assim, de frequentar e saber um pouco como que..., era muito bonito na época, início de 2000 (entrevista realizada 14/10/2019).*

Os movimentos sociais urbanos ou rurais são constituídos por sujeitos interessados em ampliar o nível de consciência política e o grau de responsabilidade de cada indivíduo, para construção de processos sociais mais justos e humanitários, sobretudo nas relações de produção de valores para a sociedade, onde cotidianamente, somos solicitados a dar diferentes contribuições.

O MuM resulta de um acúmulo de décadas de mobilizações e articulações no interior da favela da Maré, da criação da TV Maré, passando pela Rede de Memórias, até a possibilidade de ocupação de um Galpão abandonado, em 2001. Foi quando as memórias “transbordaram e invadiram” o espaço onde se fabricavam peças para navios, que era a ocupação original do galpão.

Durante esse período, entrando e saindo da favela da Maré, foi possível penetrar, minimamente, em sua poética cotidiana. Parte do desafio dos produtores de memórias contra hegemônicas, talvez seja não deixar que o caos e a barbárie

urbana destruíam os vínculos sociais. A Exposição Permanente do MuM reconstituiu etapas decisivas para a formação da Maré e é subdividida em 12 Tempos: *Tempo da Água, da Fé, do Medo, da Resistência, do Trabalho, da Migração, da Feira, do Cotidiano, da Festa, da Criança, da Casa e do Futuro*. Cada tempo indica um espaço do museu com cenário pleno de objetos significativos para os moradores, pois, estão ligados a etapas vividas no território. Esses tempos tecem o cotidiano dos moradores e inspiram os ritmos de suas vidas, o que provoca uma verdadeira viagem dos visitantes locais, ou não, às memórias da Maré e da cidade do Rio de Janeiro.

Algo que nos marcou, nos depoimentos dos nossos entrevistados, foi constatar o quanto a produção da memória coletiva está relacionada com as etapas de formação, sobretudo as etapas iniciais de suas infâncias e adolescências, vividas nas diferentes Marés.

Antonio Carlos Vieira, como já mencionado anteriormente, é um dos fundadores do CEASM e do Museu da Maré, já foi presidente de Associação de moradores do Timbau e vice-presidente da UNIMAR (União das Associações de moradores da Maré). Em seus mergulhos nas memórias das marés, Antônio Carlos Pinto Vieira nos relata:

Passei uma infância livre, correndo por ruas e becos, brincando nos quintais alheios e lançando meu olhar curioso sobre a vista de lugares e paisagens que, a condição de morador de um morro me proporcionava. [...] A Ilha do Pinheiro, então, chamada pela população de Ilha dos Macacos, por causa da criação de macacos Rhesus, utilizados em experiências científicas, desenvolvidas pelo Instituto Oswaldo Cruz, então proprietário da Ilha. Era uma bela paisagem: duas casas simples, cercadas por altos coqueiros, um pequeno barracão e uma chaminé de tijolos aparentes, um cais de pedra... O restante da ilha era densa vegetação. À sua volta tudo era mangue, as raízes fincadas na lama eram irrigadas pela água que a maré trazia (VIEIRA, 2016, p. 9).

O Rio de Janeiro é uma cidade que não foi planejada antes de nascer e, talvez, por isso, vem sendo submetida às sucessivas intervenções urbanísticas, ora por causa da pressão dos movimentos sociais, ora por interesses de gestores públicos tangidos por necessidades do mercado imobiliário. Aqui, Carlinhos retoma alguns instantes de suas reflexões sobre o seu trabalho com a memória local:

Ao longe, porém, o que eu via era a montanha de lixo no Caju, cada vez mais alta; o cheiro do petróleo refinado em Mangueiros, cada vez mais forte; os rios que ali desaguavam despejando cada vez mais esgotos e rejeitos industriais, matando o restinho de mar que por ali resistia [...] Até que um dia, chegaram dragas que, como serpentes, vomitavam jatos de água e areia, e foi surgindo aterro, criando-se uma nova paisagem, gerando um novo lugar. Casas removidas, histórias alteradas, natureza destruída, emergência da memória (VIEIRA, 2016, p. 10).

O conjunto de eventos promovidos pela equipe que coordena o MuM, durante esse período de realização da pesquisa, possibilitou a aproximação necessária com o cotidiano do campo, onde foi possível fazer o acompanhamento participativo com a equipe local. Esses eventos revelaram, entre tantas coisas, o potencial dialógico, mobilizador, informativo e formativo do MuM, por conta das articulações de suas lideranças. Tal potencial complementa a excelência da performance no campo sócio-museal, que tem garantido a qualidade, não só do acervo de memórias, mas, do conceito de Museu Contra Hegemônico de favela, conforme sustenta Araújo (2012).

Portanto, essas relações interinstitucionais, desenvolvidas pelo CEASM e o MuM e instituições vizinhas, constituem o que estamos entendendo como uma vizinhança institucional, que se organiza no espaço comum e compartilha experiências e estratégias para o encaminhamento das questões do cotidiano. O elemento central de nossa reflexão é que o MuM não é apenas um espaço para guardar memórias, mas é extremamente ativo na localidade. Luiz Antônio de Oliveira destaca um pouco esse processo de articulação com a vizinhança:

*Eu ia acompanhando também, o processo da Rede de Memória da Maré. Até o momento, em que eu, realmente, saio do trabalho e, conversando com algumas pessoas do CEASM, Claudia, Carlinhos e outras pessoas, eu volto pra instituição pra ver um pouco do processo administrativo, mas, a memória, ela já está, ali, iniciada. E, eu saio dessa área administrativa e vou pra Memória para focar na administração do grupo dessa Rede de Memória e a Claudia e o Carlinhos ficam mais de perto com o processo de coordenação e eu ficava vendo a parte organizacional administrativa da Rede de Memória e, aí, foi isso. Foi talvez, em 2001 pra 2002. Ah, sim... 2002 por que eu acompanhei o Corpo de Dança da Maré, o grupo do coreógrafo Ivaldo Bertazzo, foi um projeto avassalador de sessenta adolescentes da Maré que fizeram espetáculos pelo Brasil afora, aí nos anos 2000/2001/2002 (Entrevista realizada no dia 14/11/ 2019).*

Os acontecimentos narrados por Luiz Antonio de Oliveira, conhecido por Luizinho na Maré, antecedem o surgimento do MuM. No entanto, naquele

momento, o trabalho com a rede de memórias já exigia novos procedimentos e estratégias. A busca por uma infraestrutura adequada para organizar todo o material produzido, até então, tornou-se inevitável. Em 2001, começa a ocupação do imóvel da antiga fábrica e, em 2006, inauguram o Museu da Maré.

Para Manuel Castells (1980): “*O movimento de vizinhos oferece uma grande diversidade. Embora ele se unifique (relativamente) em torno de seus objetivos gerais e das questões que lhe dizem respeito, seu desenvolvimento é muito diferente segundo o tipo de problemas próprios de cada bairro*”. Esse movimento é composto por pessoas que trabalharam e, ainda trabalham na produção do espaço urbano. O trabalho dessas lideranças não ficou restrito à produção da memória local, abrange também outras áreas, de acordo com as necessidades básicas da população. Nesse sentido, procuram evidenciar os avanços e conquistas que alcançaram na luta cotidiana. Lourenço Cezar, em sua avaliação dos processos de luta dos moradores, faz questão de assinalar os resultados alcançados, sobretudo, após a criação do CEASM:

*A gente avançou em muitas coisas. O CEASM quando surgiu tinham 14 escolas na Maré. A gente está com 36 escolas sabe? A gente tinha... Seis postos médicos. A gente agora tem... Não tem os seis postos médicos, mas, temos três Clinicas da Família, uma UPA 24h, a coleta de lixo ampliou, sabe, a gente tem muitas conquistas, mas... Então, essa ideia de... Quando se vê a Maré comparada a qualquer outra favela, assim, eu não posso reclamar de falta de equipamentos públicos. Posso reclamar da qualidade, assim como a cidade toda pode reclamar. Mas eu não posso mais fazer aquele discurso da falta, da ausência, que normalmente as favelas têm, né? (Entrevistado no dia, 14/10/2019).*

Ainda segundo Lourenço Cezar da Silva, ser da favela e se assumir como tal é uma questão política:

*Até, porque, se a gente briga que favela é cidade e cidade é tudo, eu sou cidadão da cidade. Mas, eu gosto da palavra: favelado. Assim, eu acho que ela tem um poder, sabe, acho que ela fala muito. E eu acho que de certa forma ela me define. Define-me, no momento em que me assumo enquanto favelado e não enquanto uma perspectiva de alguém que me vê como favelado, entendeu? Se alguém fala assim: aquele rapaz é favelado. Eu acho que não tem o mesmo sentido do que eu dizendo assim: “Eu sou favelado”. Então, é uma palavra que eu acho muito política, muito poderosa por que ela tem história, né? Ela tem sentidos e ela tem uma confecção que é uma linha, uma costura, que perpassa quase que a história da cidade, do Brasil de certa forma. (Entrevista concedida em 14/10/2019).*

A ideia e a sensação de pertencimento são constituídas, no cotidiano das favelas, por diferentes fluxos comunitários. Portanto, mergulhar na memória das favelas é penetrar em resíduos da produção do espaço e da vida urbana. Pode significar o encontro com problemas urbanos antigos, que, em determinados contextos precarizados, se arrastam sem perspectivas de resolução e vão se acumulando e, às vezes, parece que os moradores são os responsáveis pelos problemas existentes ou, que tais problemas existem, porque é da natureza dos moradores.

As informações soterradas, queimadas, destruídas, apagadas de documentos importantes acabam desaparecendo com o tempo. No entanto, há registros, resíduos e códigos que estão na corporeidade, na composição orgânica das pessoas e não podem ser apagados e, é também esse ensinamento e exemplaridade, que nos apresenta a Exposição Permanente do Museu da Maré, através dos seus 12 Tempos de Resistência e Memórias Contra-hegemônicas. As fotografias de objetos, coisas e de pessoas garantem uma parte significativa do acervo, que também tem documentos (fichas cadastrais, registro de história oral e audiovisual), que trazem as marcas das relações com o poder público, com a igreja e com as forças militares. As pessoas resistiram e conseguiram passar o seu legado para as gerações seguintes. Foram fundamentais para garantir a base da exemplaridade da práxis organizacional das memórias contra hegemônicas do Museu da Maré.

Portanto, dialeticamente, ao trabalhar na produção do espaço urbano, o trabalhador que antes era um sujeito do campo, da cultura agrária, ribeirinha, da pesca, da caça e da criação de animais domésticos. Vai sendo obrigado a esquecer sua cultura e identidade, para absorver e ser absorvido pela cultura urbana que vem embutida no conceito das “cidades modernas” (Harvey, 2012) das revoluções estéticas e conceituais das elites do urbanismo euro-ocidental, que não dialogam com o morador da favela e só se impõe como conhecimento e poder superior e colonial.

Marcelo Vieira, um dos responsáveis pela criação da TV Maré, embrião da Rede de Memórias, que gerou o acervo fixo do Museu, em entrevista no dia 14 de novembro de 2019, destaca a satisfação encontrada em simples exercícios de

estimulação da autoestima dos moradores. “Aí, a gente filmava, pegava a televisão e mostrava para as pessoas... E, o que encantava, eram as pessoas se vendo na TV”.

É certo, que perdemos em termos humanísticos, quando nos esquecemos de nossa própria cultura e passamos a nos ocupar da cultura alheia, como é certo também, que ganhamos, quando fazemos o exercício inverso. E é isso, que fazem os intelectuais orgânicos da favela, através da práxis organizacional da memória do Museu da Maré. Esses intelectuais orgânicos se transformaram em sujeitos de suas próprias memórias, mostraram com suas competências, que favela é constituída por seres humanos, pessoas sensíveis e inteligentes o suficiente para transformar suas realidades e interferir, criticamente, no projeto de futuro pré-estabelecido pelo poder hegemônico. Além da TV Maré, a Rede de Memórias e Jornal “O Cidadão” são projetos que antecederam e inspiraram a criação do MuM. Na década de 1990, nossos interlocutores já estavam mergulhando nas marés de memórias. Carlinhos relata um episódio dessa fase:

*Eu lembro quando nós criamos um jornal, “O Cidadão”, que começou a circular em 99 e a última página do jornal era sobre a memória e história da Maré. E, eu que escrevia. E quando fizeram o censo da Maré em 2000, 99 pra 2000 perguntaram aos moradores “qual é a parte do jornal que você mais gosta”? A grande maioria falou que era a parte da memória. E, a última parte do jornal sempre vinha com um artigo que falava da memória local. Eu escrevi uns artigos bacanas que depois foram integrados à página do museu numa cronologia, lá, de memória da Maré (entrevista concedida no dia 30 de outubro de 2019).*

Com os poucos recursos e infraestrutura que tinham, foram descortinando o silêncio imposto, quebrando os muros invisíveis e produzindo a visibilidade, que a favela necessita, contrária à visibilidade estigmatizada que a sociedade construiu ao longo de todo o processo sócio-histórico de produção do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. A ausência total ou parcial de políticas públicas que garantam ou viabilizem o bem-estar das camadas empobrecidas, pode ser entendida como uma forma de reprodução das relações coloniais escravocratas.

Para a favela, para a cidade e para o mundo, o MuM é uma interferência no fluxo da histórica narrativa museológica colonial. Essa relação é ainda mais intrínseca pelo fato do MuM ter passado pelo risco de ser expulso do galpão, que

ocupa, desde 2001. Essa ameaça de expulsão, enquanto durou, trouxe uma correlação com a vida de tantas pessoas da Maré, que já foram removidas de suas moradias. Da mesma forma, a luta pela permanência do MuM significa uma resistência pelo Direito de memória e pela certeza que não se pode ter direito a um futuro sem poder garantir, de alguma forma, o direito ao passado.

O processo de produção da memória coletiva, que se traduz no acervo do Museu da Maré resulta de uma trançagem forte entre compromisso ético, dedicação afetiva e respeito com os responsáveis pela construção e desenvolvimento da história sócio-ocupacional na Maré. Nunca será exagero ressaltar, que o padrão técnico que caracteriza a qualidade do acervo exige uma gama de conhecimentos específicos, próprios da área museal. Além, do trato visual do objeto, trabalha-se a história do objeto, que envolve sua origem e o percurso até, chegar à exposição.

É nesse contexto de enfrentamento estético-político dentro da favela, que se desenvolveram, durante 13 anos, os processos de implantação, resistência e luta pela permanência do Museu da Maré. As ameaças de despejos começaram em 2014.

O décimo quarto aniversário do Museu foi comemorado em maio de 2019, com a conquista definitiva do imóvel e o fim das ameaças de despejo que lembram “remoção”, palavra maldita por estar ligada a um quadro situacional, que já assombrou a vida de muitos moradores, de outras favelas e da Maré também.

### 3

## A Cidade Maré e as Marés da Cidade: marecidade

### 3.1.

#### Produção socioespacial da memória: multimídia alternativa

Toda a favela tem seus próprios processos sócio-históricos, construídos por seus moradores. Estudar a práxis organizacional da memória coletiva da Maré foi, sem dúvida, uma escolha metodológica, que nos possibilitou acessar dados específicos sobre a elaboração da temporalidade que constitui o acervo permanente do Museu da Maré. Esses dados revelam a processualidade de acontecimentos objetivos e revelam, também, partes das subjetividades dos sujeitos dessas ações, negociações e costuras no tecido sócio-histórico da favela da Maré.

A maior parte dessa produção é invisibilizada e soterrada pela dinâmica urbana de uma cidade mercantilizável, que se reproduz e impõe a estética das classes dominantes, através dos tentáculos da indústria cultural (Adorno & Horkheimer, 1947), seus meios de comunicação de massa (Sodré, 2013; Sales & Ruiz, 2009) a serviço do grande capital e suas multifaces (mercado financeiro; mercado imobiliário; mercado bélico; mercado bíblico e mercado político-partidário) presentes e atuantes no cotidiano das favelas.

Para Ivanete Boschetti, “democratizar a comunicação implica reconhecer legal e legitimamente a comunicação como direito humano” (Boschetti, 2009, p. 22). No contra fluxo do aparato midiático da indústria cultural dominante, atores sociais orgânicos das insurgências cotidianas inventam ou se apropriam de linguagens e mecanismos alternativos, para expressar, projetar e ampliar suas vozes, de forma alternativa, para além dos limites invisíveis das favelas. Na opinião de Jefferson Lee de Souza Ruiz (2009, p. 82), “a rápida e longínqua circulação de informações e ideias tem se caracterizado como um fenômeno, que interfere decisivamente na vida social, política, cultural e econômica de diversos sujeitos sociais” Na tentativa de apreender a dimensão e o alcance do conjunto de recursos, tecnologias e procedimentos, utilizados nas produções locais, fora dos



tentáculos da grande mídia, elaboramos uma expressão conceitual, que vamos nomear como “Multimídia alternativa”.

Ao consultar a fonte de dados *Online* do Jornal O Cidadão da Maré, no item trabalhos acadêmicos, que utilizaram “O cidadão” como referência. Entre outras pesquisas, encontrei a Dissertação de mestrado de Viktor Henrique Carneiro de Souza Chagas (2017), que discute a questão da cidadania midiática e mídia cidadã e problematiza o papel do jornalista cidadão *versus* o cidadão jornalista. A discussão desenvolvida por Viktor me ajudou a concluir uma de minhas categorias de análise sobre a produção cultural contra hegemônica, a partir da memória crítica em relação à indústria cultural.

Mione Apolinário Sales (2009, p. 35) afirma que “O século XXI, por sua vez, vai entrar para história como aquele da junção e operacionalização de várias mídias, donde o termo *multimedia*, doravante, começa a fazer mais sentido do que nunca”. Portanto, mesmo com toda criatividade, inteligência, arte e produção de novas formas de resistir, a vida na favela é densa e viver na favela é tenso. As investidas dos diferentes mercados interessados em gente-massa modelável e gente-massa de consumo voraz interpenetram o cotidiano das favelas, quase sempre de maneira, institucionalmente, violenta.

Esse quadro situacional de opressão/dominação se constitui e se alimenta com uma presença/ausência do poder público nesses contextos urbanos precários, onde os moradores, mesmo oprimidos e violentados, continuam resistindo. Se confrontando com a lógica imposta e produzindo diversas estratégias de autopreservação da vida e defesa de seus direitos à cidade e à produção de sua própria dinâmica de ocupação socioespacial.

Nos termos colocados por Evelina Dagnino (1994, p. 106) quando discute a questão de uma “nova noção de cidadania”, encontramos ecos daquilo que estamos pontuando neste trabalho, considerando a memória como instrumento político:

A ênfase nesse processo de constituição de sujeitos, no “tornar-se cidadão”, na difusão de uma cultura de direitos, retoma a questão da cultura democrática que mencionei antes e mostra um terceiro ponto de diferença, que é o alargamento do âmbito da nova cidadania, cujo significado e importância estão longe de se esgotar

no seu resultado, enquanto aquisição formal-legal de um conjunto de direitos. Ela se constitui também, enquanto uma *proposta de sociabilidade* [...] Um processo de aprendizado social, de construção de novas formas de relação, que inclui de um lado, evidentemente, a constituição de cidadãos enquanto sujeitos sociais ativos, mas, também, de outro lado, para a sociedade como um todo, um aprendizado de convivência com esses cidadãos emergentes, que recusam permanecer nos lugares que foram definidos, socialmente e, culturalmente, para eles (Dagnino, 1994, p.106).

Nas últimas três décadas dos séculos XX e nas primeiras décadas do século XXI, intensificou-se, na cidade do Rio de Janeiro, uma determinada estratégia de produção político-cultural no interior das favelas, protagonizada por lideranças comunitárias, tendo na centralidade, a produção da memória ampliada da história local. Paralela ou, em confronto com a história da própria cidade, pois são acontecimentos simultâneos e ambos resultam da produção do espaço urbano, com finalidades distintas. Maria Aparecida Tardin Cassab entende que:

A característica mais saliente da urbanização brasileira é seu caráter de não incorporação da pobreza urbana. Os pobres estiveram, durante todo esse processo, segregados nas dinâmicas espaciais constituintes do espaço da cidade, expressando-se também nelas as características mais marcantes do desenvolvimento do capitalismo no país (Cassab, 2001, p. 98).

Essas formas de territorialidade, que se dão pela via da preservação da memória não hegemônica, não é um fenômeno novo. As comunidades jongueiras, os espaços quilombolas, as casas de santo e, até mesmo algumas igrejas católicas, ocupadas por irmandades negras, como a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Pelourinho, na Bahia e a Imperial Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, ou, popularmente, Igreja dos Escravos, no centro do Rio de Janeiro, atuam, secularmente, nesse campo.

Essas instituições já desenvolvem processos de organização de memória não hegemônica e preservação de patrimônio ancestral há muito tempo. A questão nova ou diferencial que o movimento dos museus de favela e, sobretudo, o Museu da Maré apresenta é um trançamento mais apurado entre a via da memória, a via do patrimônio e a via da consciência política, entendendo que são etapas indissociáveis da problemática urbana.

No caso do movimento museal contemporâneo, as estratégias baseiam-se na criação ou ocupação de espaços físicos fechados ou abertos, onde seja possível resguardar, tratar e socializar os resíduos de memórias produzidos pelos moradores, ao longo do processo de construção da própria história do lugar. Isso se problematiza nas próprias relações sociais, no que tangem os processos de perdas, conquistas ou garantias de direitos por parte das classes subalternizadas.

Uma característica decisiva do movimento museal contemporâneo é a transformação socioespacial de uma propriedade privada em patrimônio cultural ou bem comunitário. A era museal na favela da Maré consolida a memória local como parte do patrimônio cultural da cidade e do país, contrariando vozes hegemônicas, que ainda questionam a veracidade da museologia social, quanto à necessidade da existência de museus em favela. Quando articulamos os pressupostos da rede de museus e analisamos os seus desdobramentos, a reflexão de Scherer-Warren (2012) sobre Redes Emancipatórias auxilia nossas formulações teóricas:

A rede de movimento social tende a ser o nível da sociedade civil mais complexo, mais politizado e orientado por um desejo de transformação do *status quo* de grupos sociais que se consideram em situação de exclusão, desigualdade ou discriminação, ou mesmo que lutam por mudanças sistêmicas mais amplas (Scherer-Warren, 2012, p. 25).

Quando se pensa em reorganização da cultura, supõe-se que tal cultura foi, ou passou por algum processo de desorganização, de fragmentação ou descaracterização. Tal suposição aguça e conduz nossa curiosidade acerca da origem e natureza desses processos. Portanto, procuramos esclarecer um ponto fundamental sobre a cultura ou, conjunto de culturas que tratamos, aqui, entendendo, que a classe dominante se apropria, majoritariamente, dos aparelhos, espaços, linguagens artísticas e manifestações culturais populares, para mobilizar a sociedade e mantê-la sob o domínio de suas ideologias e interesses, sobretudo quando o modo de produção capitalista está em crise aguda e globalizada.

Nesse caso, estamos falando de reorganização da cultura das classes subalternas, por elas mesmas, a partir da reflexão de Gramsci (1981). O estrago causado pelas desigualdades sociais, econômicas e políticas, que emergem das

relações pós-coloniais, reemaladas pelas vestes do neoliberalismo contemporâneo, impõe e promove a dominação em todos os sentidos, produzindo, sobretudo, o apagamento de culturas e o esquecimento da memória do colonizado, conforme afirma Albert Memmi (2007):

A vida nos tratou de maneira diferenciada; ele era reconhecido como filho legítimo da Metrópole, herdeiro do privilégio, que ele defenderia a qualquer preço, até mesmo o mais escandaloso; eu era uma espécie de mestiço da colonização, que compreendia a todos porque não pertencia a ninguém (Memmi, 2007, p. 21).

Logo, o sujeito sem memória se torna, automaticamente, mais fragilizado e colonizável. Constatamos, ainda, que acontecimentos como a luta de permanência do Museu da Maré, entre outros efeitos, produz uma interrupção na linha histórica da narrativa dominante. Ainda que seja com insuficiências, já é um passo importante para construção contra hegemônica, da qual tratamos na presente pesquisa.

Os inúmeros processos desenvolvidos pelos moradores no cotidiano da favela da Maré, em constantes enfrentamentos ao poder público, acabaram por gerar um acúmulo de experiências e aprendizados, que são transformados em dispositivos de memória e resistência. Luizinho destaca a importância do trabalho com as memórias dos moradores, mesmo antes da criação do museu:

*Aí, logo em 97, quando o CEASM é criado, em seu estatuto trabalha-se a ideia de lidar com a questão cultural, enfim, abre um leque de ações, que não seria só o pré-vestibular comunitário, que o pré-vestibular foi o primeiro projeto do CEASM, foi o projeto embrionário do CEASM. Logo em seguida, em função das necessidades de trabalhar a memória com os alunos do pré-vestibular, para que eles pudessem conhecer o seu território, pudessem fazer uma ligação entre o jovem e o lugar onde ele mora. Para tentar começar esse processo dele não ir para a universidade, ficar por, lá, e negar como estratégia de sobrevivência, que mora na Maré. Enfim, essa conscientização dos jovens, através da nossa memória pra que eles tivessem condições de se articular, psicologicamente, e também, de perceber que a favela é o lugar onde ele mora que é um lugar como outro qualquer e, que ele nem por isso deveria ser discriminado. (Entrevista realizada no dia 14/11/2019).*

Reafirma-se, como mencionamos anteriormente, a importância política do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM, 1997), com o Pré-Vestibular Comunitário, com a Rede de Memórias, com o Jornal “O Cidadão” e

Maré de Notícias. Todas essas iniciativas comunitárias antecedem e, de certa forma, inspiram a criação do MuM.

Para Mário de Souza Chagas (2008, p. 113), os museus são lugares de refazer-se pelos percursos de memórias dos territórios:

Os museus, ainda são lugares privilegiados do mistério e da narrativa poética, que se constrói com imagens e objetos. O que torna possível essa narrativa, o que fabula esse ar de mistério é o poder de utilizar coisas como dispositivo de mediação cultural entre mundos e tempos diferentes, significados e funções diversas, indivíduos e grupos sociais distintos.

O Museu da Maré conta, ainda, com uma rede informal de simpatizantes, portadores do *status* de vizinhos do museu, sujeitos que fazem parte da história da Maré, do CEASM e, conseqüentemente, nutrem carinho e respeito aos fundadores e responsáveis pelo Museu da Maré. O conjunto de estratégias criadas pelos organizadores do CEASM foi fundamental e sedimentou a organização/produção do acervo do Museu da Maré. Em algum momento, as lideranças perceberam que era necessário documentar, registrar e proteger os fragmentos de suas lutas pelo direito à vida e permanência naquele espaço, que traz a marca geo-socioespacial da invenção do chão. Após toneladas de cascalhos para aterrar o mangue, juntar duas velhas vizinhas, a Ilha de Inhaúma e a Ilha do Fundão, hoje, vizinha ilustre da favela da Maré.

### **3.2. Dona Orosina e os processos sócio-ocupacionais**

O Complexo da Maré é resultado de diferentes deslocamentos populacionais, vindos de outras partes da cidade (Praia do Pinto e parte da favela do Esqueleto), fluxos migratórios de outros Estados e até de outros países. Dona Orosina Vieira, primeira moradora do morro do Timbau, veio de Minas. Mulher negra, rezadeira, que se transformou na primeira liderança do lugar, por suas iniciativas e posicionamentos políticos. De acordo com muitos relatos de moradores, começou a praticar, de forma intuitiva, exercícios de recolher resíduos que vinham nas marés, para ambientar o entorno de sua casa.

Além de liderança política, por ter enfrentado representações do poder público, durante ameaças de remoção, ela se notabilizou por ter escrito, de próprio punho, uma carta ao então, presidente da República, retratando os problemas, denunciando a postura dos militares, que naquela época, se colocavam acima da lei, em nome da ordem ali na favela. O seu nome batiza o arquivo de memórias coletivas do Museu da Maré, um dos setores mais importantes na composição do Museu, onde estão os registros em vídeo das primeiras experiências de produção de memórias feitas pela TV Maré e documentos variados colhidos junto a moradores e simpatizantes do MuM.

A Favela da Maré recebeu um forte fluxo migratório das regiões Norte e Nordeste e ainda um significativo contingente de africanos, que buscaram refúgio no Brasil, por conta das guerras em Angola, Moçambique, Congo e Gana. Já por essas informações básicas, pode-se imaginar uma grande colcha de retalhos de memórias não-hegemônicas, na formação do sujeito mareense, um emaranhado de gente e culturas vindas de lugares distintos, o que não é tão diferente do que acontece em outros contextos, que formam a identidade do povo carioca e brasileiro.

O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM nasceu, em 1997, a partir da iniciativa de um coletivo de moradores da Maré que teve como motivação a possibilidade de criar estratégias e ações integradas de longo prazo na Maré, em prol do desenvolvimento do Bairro. A ideia era aliar a inserção comunitária à condição de instituição de pesquisa e gestão de projetos de grande porte, elementos raros de serem encontrados nas organizações sociais oriundas da favela. O principal efeito desta ideia era que nela os moradores, em particular os adolescentes e jovens, encontrassem exemplos locais positivos na construção de suas trajetórias sociais, escolares e acadêmicas. De lá, para cá, muitas lutas foram travadas em defesas de ideias e sonhos compartilhados por esses atores sócio-ativistas, seus simpatizantes e apoiadores.

Os movimentos sociais de base comunitária, que se desenvolveram nas associações de bairro, nos espaços paroquiais, nos centros de memórias, nos quintais de casas simples ou em espaços alternativos de artes, tiveram seu auge na cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1970 e 1980 e começaram a declinar

na década de 1990. Nesse período, o Brasil experimentava a primeira década na “era da redemocratização” pós-ditadura militar e o mundo estava passando por significativas mudanças em sua conjuntura política e econômica.

Entendemos que as lideranças da favela da Maré, ligados aos setores progressistas da Igreja Católica, onde forjaram suas atuações políticas, utilizando-se de um conjunto de ferramentas e técnicas sofisticadas, para jovens de favela, naquela época. Para Marcelo Vieira em entrevista concedida no dia, 14 de novembro de 2019, “ser morador de favela e ter acesso a uma estrutura técnica disponível para produzir audiovisual”, naquele tempo, foram fatores decisivos para tudo que veio depois.

Aí, eu fui fazer a oficina de vídeo e aí achei bacana, interessante e a gente ficava rodando a favela filmando... Uma câmera VHS naquele período e, você ter acesso a um material daquele, né? Foi um período bem bacana. É, nesse período que eu me envolvi mais com essa questão comunitária, de conhecer melhor, de entrar mais. (Vieira, 2019, p. 63).

Marcelo, diferente de seu irmão Carlinhos, não estava, diretamente, vinculado aos projetos da Igreja, mas, seu interesse por cinema o faz o principal responsável pela criação e funcionamento da TV Maré. Com práticas e recursos próprios de uma linha específica de produção midiática, todo esse aparato, mais tarde, passou a ser classificado como mídia alternativa ou comunicação comunitária, que se desenvolveu no âmbito alternativo-crítico da resistência social no interior das favelas, subúrbios e periferias da cidade carioca, durante as décadas de 1970 e alcançou seu ápice na década de 1980, com uma quase explosão de rádios, jornais comunitários e TVs comunitárias, e, posteriormente, por ecomuseus, museus comunitários, museus de favelas (Araújo, 2012).

Por isso, podemos pensar em uma esfera “multimídia alternativa” presente na composição do projeto de ações/intervenções coletivas daqueles jovens, produtores de um protagonismo local e que, organicamente, foram se transformando em lideranças comunitárias intelectualizadas e postulantes de um movimento comunitário insurgente e contra hegemônico. São atores sociais envolvidos, diretamente, com as principais demandas de uma agenda de

necessidades coletivas e que podem ser traduzidas pela seguinte fala do Antonio Carlos Pinto Vieira (2016):

Para mim é um encontro com a memória daquilo que se perde e se reencontra, nos fluxos e refluxos das águas que movem nossa vida, nossos desejos, nossos sonhos, aqui sou ainda um menino, a olhar do alto do morro meu pedaço de mar, buscando compreender o lugar onde cresci e vivi boa parte de minha vida, acreditando que diante de tantos sinais de morte, pela ação contraditória do homem, que pode destruir, mas também preservar, ressurja dessas águas, corrente, potente, pulsante, a vida. (Vieira, 2016, p. 13).

Destaca-se, entre as estratégias criadas por esse grupo, a Rede de Memórias, com uma significativa produção audiovisual, que somada a um processo de “escutas” dos moradores mais antigos, alicerçou a criação do arquivo documental do MuM. Um museu de favela, cujo acervo se compõe de objetos, peças e lembranças imagéticas (documentos, fotos, desenhos e vídeos) de acontecimentos do cotidiano dos moradores, caracterizando e produzindo narrativas diferenciadas daquelas, que são encontradas nos museus tradicionais ou hegemônicos.

O MuM, como já mencionamos, ocupa o prédio de uma antiga fábrica de peças de navios para transporte marítimo, a Cia Libra de Navegação. O local, cedido ao Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM, por 10 anos, possui uma área de aproximadamente 800 m<sup>2</sup> e uma área construída de 668m<sup>2</sup>. Localizado, próximo ao entroncamento da Avenida Brasil com as linhas Amarela e Vermelha.

A história do processo que resultou no MuM se inicia na criação da TV Maré, na década de 1980, seguida da fundação do CEASM, uma organização não-governamental, fundada em 1997. Jovens moradores da comunidade, que romperam com as precárias condições de educação da região e chegaram a Universidade, organizaram o CEASM com o objetivo de modificar a realidade da favela.

A primeira iniciativa do grupo foi a criação do Pré-Vestibular Comunitário com o objetivo de estimular a entrada dos jovens na Universidade. Outros projetos surgiram: o Corpo de Dança da Maré, o jornal Cidadão, o grupo Maré de Histórias, a Biblioteca, o Laboratório de Informática, o ateliê de moda Marias da Maré e a Rede de Memórias da Maré.



O encontro dos organizadores da Rede de Memória da Maré com o professor Mário de Souza Chagas da Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro – UNIRIO possibilitou a troca de saberes e a organização de oficinas de museologia na sede do CEASM. Destes encontros, resultou a inauguração do arquivo Dona Orosina, em 2001, a realização de exposições temporárias no Museu da República, no Castelinho do Flamengo e no Centro Cultural do Tribunal de Contas do Estado, em 2004. No ano de 2006, é inaugurado o MuM, com a presença do então, ministro da cultura Gilberto Passos Gil e do ex-presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva.

O pesquisador português, Boaventura de Sousa Santos, em uma de suas visitas ao MuM, declarou estar diante de um “museu contra-hegemônico”, relato confirmado pela pesquisadora Helena Maria Marques Araújo (2012) em sua tese de doutorado e, que nos inspirou na composição da ideia de memórias contra-hegemônicas. A autora pontua:

[...] o Museu da Maré é um ‘lugar de memória’, já que se caracteriza como um museu contra-hegemônico, originado em movimento social. Como um espaço não formal de educação, o Museu é um local de ensinamento de história e de construção de memórias locais, visando o empoderamento identitário das diversas comunidades da Maré. (Araújo, 2017, p. 947).

As dimensões educacionais trazidas pela autora foram reveladoras por indicarem inúmeras possibilidades de interpretação do papel que tem o Museu da Maré. Para Mario Souza Chagas (2018):

Novas formas de habitar os territórios, de fazer museus e de viver em sociedade estão em processo. Novas práticas poéticas e políticas contemporâneas estão colocadas em movimento. Já não há sentido em pensar uma museologia pura, limpa, incapaz de sujar as mãos e os pés, incapaz de viver, de afetar e de ser afetada (Chagas, 2018, p. 288).

Através das palavras de Chagas, fica evidente, por exemplo, o propósito do Movimento Internacional da Nova Museologia<sup>4</sup> (MINOM), que para o meio

---

<sup>2</sup> Fundado em Lisboa, durante a realização do 2º Atelier Internacional da Nova Museologia, dez anos depois de sua fundação, o MINOM em Portugal, por força de Escritura Pública, realizada em 23 de junho de 1995, passou a conter novas perspectivas de ação e renovadas responsabilidades individuais e coletivas. Disponível em: <<http://www.minom-icom.net/2020>>.

museal significa um portal aberto, que continua influenciando debates e intervenções de extrema relevância, como foi o caso da formação da Rede de Museus Comunitários no Rio de Janeiro e a fundação do próprio MuM (2006), contemporâneo do MINOM. E, através de pesquisas e do amplo debate, que vem sendo travado no campo da Museologia Social, no Brasil e no mundo, em torno de novos processos sócio-ocupacionais em espaços urbanos, apropriando-se da linguagem museal para produção de contra-narrativas, proposições e intervenções sócio-políticas, que abrem possibilidades para se pensar e atuar no campo de uma Nova Museologia.

Vera Dodebei adverte que durante quase vinte séculos, a cultura ocidental considerou as dimensões de tempo e de espaço atributos independentes. Habitamo-nos, portanto, a pensar que os espaços são fixos ou estáticos, e que o tempo é linear, bem como dotado de passado, presente e futuro (Dodebei, 2008, p. 13).

A forma como o MuM apresenta as sessões que compõem a exposição permanente, tecnicamente, se dá por uma subdivisão do acervo em 12 tempos, propondo uma unidade espaço/temporal, onde as diferentes temáticas estão conectadas, compondo e contando, simultaneamente, a história objetiva da Maré e a história subjetiva dos processos desenvolvidos por seus criadores. O MuM pode ser entendido, ainda, como uma resposta política das lideranças da Maré ao vazio e ao silenciamento das vozes da favela, quando se trata dos direitos dos favelados à cultura ampliada para todos.

A imposição histórica de narrativas das classes dominantes causou uma espécie de desapropriação de referências e valores da cultura de afrodescendentes e descendentes dos povos originários. Esses acontecimentos são reais, produziram memórias dolorosas e são imagens que fazem parte de um imaginário construído a ferro, fogo, lágrimas, suor e sangue.

Portanto, sua desconstrução demanda longo processo sócio-histórico, que está em curso e a presente pesquisa encontra na história de construção, elaboração e luta de permanência do Museu da Maré, pistas concretas sobre sua validade e impacto no cotidiano da favela da Maré, através de suas dinâmicas dialógicas e políticas, que provocam e mobilizam diversos vizinhos institucionais. A

existência de um museu, nos moldes do Museu da Maré, além de nos ensinar a cuidar de nossas próprias memórias, ensina a pensar, tendo como ponto de partida nossas próprias necessidades e condições sociais para ocupar o espaço entre o nunca e o sempre, etapas que se afastam e se aproximam, produzindo o movimento dialético da Memória: Lembrar, esquecer, relembrar e reesquecer.

Tais compreensões viabilizam melhores fluxos de entrada e articulações entre os tecidos de memórias produzidas nos interstícios das relações tencionadas, entre os sujeitos subalternizados, destituídos do direito à propriedade da terra e, as instâncias formais representantes da hegemonia euro-dominante. Nesse sentido, Gonçalves adverte:

A expansão das favelas no Rio de Janeiro encontra-se efetivamente no cerne das diferentes decisões políticas, o que permite salientar que a utilização corrente – certamente imprópria – da expressão “habitações espontâneas”, referindo-se às favelas, não se presta de forma alguma à apreensão da complexidade do processo histórico da emergência e da consolidação desses espaços no Rio de Janeiro (Gonçalves, 2013, p. 30).

A formação de um museu em uma favela vem corroborar à crítica de Gonçalves (2013) sobre a ideia de habitação espontânea, que remete a algo sem história. Além de ser acessível, a estrutura do imóvel, que já foi fábrica de peças de navio, é bastante interessante e, com o dedicado trabalho do cenógrafo Marcelo Vieira e do arquiteto Marcos Fonseca (Marquito), foram feitas readaptações no espaço interno composto pelos dois Galpões, gerando novas ambiências para acomodar, tratar, expor e socializar as memórias da Maré.

O museu é um ator coletivo na construção da identidade dos moradores da Maré, já que, antes, era muito comum afirmar que moravam em Bonsucesso ao invés de assumir que moravam na Maré. O museu trabalha diversos recursos de autopreservação, já utilizados pela maioria dos moradores, que vem se transformando, lentamente, à medida que parte da população começou a acessar níveis superiores de formação e consciência política, sobretudo as lideranças responsáveis pelos processos produzidos a partir da fundação do CEASM. Os coordenadores da equipe do Museu da Maré possuem uma formação superior e alguns, inclusive, pós-graduação.

O Museu compreende fios de memórias, que ajudam a tecer uma rede de contra narrativas. A sua permanência e funcionamento configuram uma exemplaridade, no sentido da consolidação do patrimônio simbólico local, em alguns sentidos fundamentais, como o artístico, o estético, o político e, no sentido educativo promove a formação de novos ativistas através da experiência museal.



Figura 2- Entrada do Museu da Maré.  
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Como acontece nos processos de Remoção (Gonçalves, 2018), onde os mínimos institucionais constituídos pelos moradores são, violentamente, atropelados e destruídos pelo poder público, com suas ações planejadas de suposto desenvolvimento urbano. Após um processo de remoção, o que fazer para retomar a cultura, desenvolvida naquele espaço de onde foi removida? A parte simbólica de uma cultura, nem sempre se consegue carregar nas malas, nem sempre estão representadas em objetos físicos. Nesses casos, se transformam em esquecimento ou viram memórias (Chagas, 2018) e, memórias podem ser subalternas ou insurgentes, hegemônicas e contra hegemônicas.

A equipe que coordena o Museu da Maré experimentou a estranha sensação de ser ameaçado de “remoção” e não ter para onde ir com sonhos e objetos, carregados de subjetividades, que foram desenvolvidas naquele ninho de memórias. Após pouco mais de uma década de enfrentamento político e judicial

com a proprietária do imóvel e, inúmeros mandatos de despejos, a luta pela permanência do MuM foi vencida e não há mais risco de remoção.

### 3.3.

#### O Morro do Timbau: Olhar do alto, as marés da “Baixa”

A foto a seguir, além de ser o recorte de um dos tempos da Exposição Permanente do Museu, traz, ainda, uma homenagem à Marielle Franco e à memória de sua família. A elaboração estética dessa sessão do acervo foi inspirada na decoração de um bar da própria comunidade, que pertenceu ao avô de Marielle.



Figura 3- Um dos “tempos” do Museu da Maré.

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Nas palavras de Lourenço Cezar da Silva (Entrevistado dia, 14/10/2019), a importância de valorizar a favelas e suas memórias e seus tempos:

*E, você pensando também numa lógica, dentro dessa lógica do capital, onde o solo tem valor, onde a cidade é um produto comercial. Eu fico imaginando se você está, totalmente, inserido nesse contexto, o quanto você se sentiria desvalorizado, comercialmente, ao se dizer “sou favelado” e o quanto você se sentiria empoderado, ao dizer a mesma coisa, sabendo o conjunto de estratégias que são utilizadas pra te colocar fora desse mercado, não é?*

Os códigos e resíduos de memórias são elementos ou detalhes percebidos, que atravessam os sentidos de quem observa e conecta o tempo presente com outros tempos contidos na memória total do lugar. Tais resíduos podem ser objetos materiais, mas podem ser substâncias, que definem a paisagem olfativa da socioambientalidade local, como o cheiro do mangue, do mar ou das refinarias existentes na vizinhança.

Por outro lado, Claudia Rose afirma também a importância da Igreja Católica em sua formação política e intelectual na favela:

*Como a Maré cresceu, tem várias Paróquias, mas, na época só tinha a Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes e a Capela. Tinham Capelas em várias comunidades. Tinha na Nova Holanda, no Parque União, no Parque Maré, aqui no Timbau, tinha uma pequenininha, que era uma Capelinha de Nossa Senhora Aparecida. Tem uma capela na Vila do João também. Eram capelas da Paróquia, hoje, já são Paróquias e a Nossa senhora dos Navegantes tem outras Capelas, aqui também, mas, são recentes. Naquela época, eu acabei entrando e comecei a participar da catequese, comecei a ser catequista. Depois, eu fui me envolvendo mais em outras atividades da Igreja, da Paróquia, até, que eu entrei na Pastoral da Juventude, que aí, fez toda a diferença, porque a Pastoral tinha uma organização regional, nacional e, na América Latina também.*

Torna-se pertinente, nesta análise de resíduos de memórias, seja no sentido da formação religiosa, intelectual ou política dos nossos interlocutores, considerarmos as consequências e efeitos de práticas da Igreja Católica nas favelas cariocas. Apesar das profundas modificações nas práticas da igreja, nos últimos anos e o seu distanciamento das favelas e bairros populares, os movimentos sociais comunitários, formados muitas vezes por influência dos setores mais progressistas da Igreja católica, reconfiguram suas pautas insurgentes, através de suas pedagogias sociais, produzindo conhecimentos especializados sobre práxis revolucionária e formas de resistência, em diferentes setores da sociedade. O MuM se insere nesse amplo processo de luta pela garantia do direito de expressão, de voz, de imagem e da consciência da classe trabalhadora, que vem construindo esse país, desde os tempos da escravidão e continua lutando por reparações e reconhecimento.

A presente pesquisa nos ajuda a identificar estratégias e metodologias aplicadas pelas classes dominantes para a manutenção do poder e do controle sobre as classes dominadas, no interior das favelas. O caso do Museu da Maré nos

conduziu a um estudo sobre a práxis organizacional da memória local, que acabou nos introduzindo no campo epistemológico da produção de processos contra-hegemônicos e de insurgência estético-política. Em diálogo com pressupostos teóricos da museologia social, onde se articulam outros intelectuais acadêmicos e orgânicos, protagonistas da Rede de museus comunitários (Araújo, 2012; Chagas, 2018).

Em um dos nossos momentos no Museu, acompanhando a professora Helena Maria Marques Araújo (CAP-UERJ) com seus alunos, em visita guiada por Antonio Carlos Pinto Vieira, o Carlinhos e, ainda a professora Claudia Miranda (UNI-RIO), compartilhamos um acontecimento de práxis da memória local. Naquele dia, 04 de julho de 2019, segundo anotação no meu Caderno de Campo, observamos e participamos do exercício de produção da memória comum, que se transforma em resistência e consciência política, porque evoca o sentido comum sobre o espaço habitado. Além do grupo mencionado, estava também o cantor e compositor Anderson Paz, que se emocionou ao revisitar suas memórias, enquanto, falava do início de sua carreira aos 16 anos, cantando no bloco “Mataram meu Gato”, que surgiu na Nova Holanda e, naquela época, desfilava na Avenida Rio Branco. Ali, presenciamos como o museu se torna um canal fantástico para aflorar memórias muitas vezes subterrâneas e, até, soterradas.

O nome do bloco, aliás, está ligado à memória dos moradores mais antigos, que repassaram às novas gerações, diferentes abordagens em torno das narrativas que geraram o nome do bloco, que depois de algum tempo, se transformou na Escola de Samba Gato de Bonsucesso e, atualmente, desfila na Avenida Intendente Magalhães. Nesse dia, gravamos um trecho do depoimento de Anderson, que afirmou ter sido sua primeira visita ao Museu da Maré: *“Tenho 45 anos e essa é a primeira vez, que estou visitando o Museu. Eu morei nessas palafitas! Olha, foi tudo muito difícil, mas, eu tive infância! Hoje, com toda essa violência...”* (visita do dia 04/07/2019).

Em outro momento, Carlinhos explica para os estudantes e visitantes a questão do imbricamento das Forças Armadas com algumas favelas do Rio de Janeiro e, sobretudo, com a Maré:

*Existe uma relação direta entre o surgimento das primeiras favelas com as Forças Armadas. Aqui, no Timbau e na Maré como um todo. A gente tem uma vinculação muito forte com o exército. Exército que derrubava as casas. "Cercou o morro, depois, colocou uma espécie de prefeitura para controlar entrada e saída dos moradores" (Gravado em, 04/07/2019).*

E, não foi diferente, para os primeiros habitantes do Morro do Timbau, que chegaram naquela parte da cidade do Rio de Janeiro, vindos do interior do Estado de Minas Gerais ou da região Norte e Nordeste do país, muitos embarcados no popular “Pau-de-arara”, para trabalhar nas obras de interligação entre o “Centro” e suas periferias. A expansão e alargamento da Avenida Brasil foi um acontecimento urbanístico, que causou profundos impactos na formação da Favela da Maré, sobretudo, nos arredores do Morro do Timbau.

Chegaram posteriormente fluxos de ex-moradores das favelas, que haviam sido removidas da Zona Sul, como a Praia do Pinto e ainda, da favela do Esqueleto, no Maracanã. Antonio Carlos Pinto Vieira nos conta um pouco esse momento, a partir do seu próprio processo familiar:

*No meu caso, eu nasci numa comunidade, que é o Morro do Timbau, uma das comunidades que pertence ali à Maré. Nasci num núcleo de família bastante grande, por que aquele lugar tinha sido o lugar que, meus avós escolheram pra morar, e... escolheram, assim,[...] escolheram entre aspas! Meus avós vieram do Nordeste do Brasil e meu avô chegou primeiro. Foi antes morar na Vila da Penha, depois, ele tendo trabalhado na obra de construção da Avenida Brasil, ele acabou conhecendo aquela região que outros parentes dele, já conheciam. Então, ele acabou vindo morar ali no Morro do Timbau (Entrevista em, 30/10/2019).*

No relato acima, nota-se, que mesmo não tendo sido uma escolha espontânea vir com a família para o Rio de Janeiro, morar no Morro do Timbau parecia estratégico. O projeto museal mencionado, anteriormente, divide o acervo em doze tempos, que representam aspectos do cotidiano da favela. O primeiro tempo é justamente o das águas. A abundância de água salgada, a ausência de água potável, a criatividade aplicada para criação do “Rola-rola”, um barril de madeira descartado pela fábrica de bebidas, readaptado pelos moradores para



transportar água potável, de forma auto-rolante, puxado por uma alça de vergalhão, como se fosse um carrinho de brinquedo.<sup>5</sup>

Com tudo isso, o “espírito comum” (Paiva, 2003), que se constituía nas horas mais difíceis, quando a maré subia, trazia a preocupação de tudo se alagar, o barraco cair ou uma criança se afogar, constituindo a primeira fase do “Tempo do Medo” (outro tempo do acervo), imbricado com o “Tempo da Água”. A “Lata d’água na cabeça”, expressão imagética que virou letra de um dos sambas mais cantado e gravado no Rio de Janeiro, virou também código de referência da luta da mulher favelada, sobretudo, da mulher negra, naquele contexto de urbanidade precária, que se repetia em diversas outras favelas do Rio. Essas imagens fazem parte da carga dramática encontrada na composição do “Tempo da Água”, que abre a Exposição Permanente do Museu da Maré.

Famílias inteiras migrando, de uma região para outra, tangidas pelo “boom” da propaganda sobre o “espetáculo” do desenvolvimento da “cidade carioca”, que já havia se tornado um produto valioso na pauta da “mercantilização do espaço urbano” (Lefebvre, 2008).

Pela ótica do estímulo ao “novo”, aquelas pessoas chegavam ao local, trazendo todas as suas questões culturais, simbólicas, estéticas, seus sonhos, esperanças, incertezas e memórias, que, às vezes, se perdem e viram esquecimento (Chagas, 2018), outras vezes, são preservadas e viram resistência:

De conversar com antigos moradores, fui descobrindo um outro lugar. O Fundão, diziam, não era uma, mas oito ilhas. O litoral chegava até a Avenida Brasil. O mar dava calado para barcos grandes e o portinho, que também era de “Inhaúma”, chegou a ser importante, de considerável movimento de gente e de carga. Diziam ainda, que era comum ir à sapucaia (ilha) garimpar objetos descartados no lixo e às vezes, sair de lá com algum pedaço de ouro. No pé do morro, entre a areia e o mangue, se catava camarão, siri e caranguejo de todo o tipo. Diziam que Inhaúma era ali (Vieira, 2016. p. 10).

---

<sup>5</sup> O “rola - rola” é mais que um resíduo de memórias, é um personagem decisivo na representação do drama da falta de água, da ausência de projetos eficazes e do enfrentamento criativo às consequências dos equívocos e das intencionalidades do poder público. Nem todas as pessoas sabiam construir ou podiam pagar a construção de um “Rola-rola”, Por isso, quem tinha um, às vezes, emprestava aos vizinhos, sob uma condição: quando devolvessem, tinham que devolver cheio de água.

O relato de Antonio Carlos Pinto Vieira retrata de maneira museal, com riqueza de detalhes, os caminhos percorridos por entre os tecidos de memórias do local, até chegar ao conceito da “Rede de memórias”, que funcionou como uma plataforma de transição para a organização do acervo do Museu. A interlocução com os mais antigos demonstra um compromisso com saberes ancestrais e com a necessidade de respeitar esses saberes, como parte fundamental de um processo crítico e não meramente conservacionista. Essa orientação ideológica está em todas as etapas do trabalho do museu.

Luiz Antonio, por sua vez, descreve o projeto que resultou na criação da TV Maré (1988/89). Ele cita outros atores importantes pela construção desse processo decisivo, para desenvolvimento da Rede de Memórias e, posteriormente, para a criação do arquivo de memórias do Museu da Maré em, 2001.

*A arquidiocese, ela tratou... era o final da década de 80, de criar um projeto junto com alguns jovens da Maré, que era a TV Maré. Então, alguns jovens das comunidades todas aderiram a esse projeto da TV Maré de fazer filmagem, de entrevista, e tal... Então, o Carlinhos foi uma delas, aqui pelo Morro do Timbau, eu aqui na Baixa do Sapateiro, né? A Maristela, tem a Marinalva, tem o Ivo, que foi uma pessoa, acho que coordenou um pouco essa história, o Marcelo Vieira, as pessoas do Parque União como o Willian, Rosa, enfim... um grupo muito interessante que se articulou pra fazer junto com a Cáritas do Rio de Janeiro, esse projeto da TV Maré e foi um projeto que era isso, era registrar as ações das pastorais, das comunidades da igreja católica aqui na Maré (Entrevista concedida no dia 14 de novembro de 2019).*

Durante a década 1970, em pleno regime militar ditatorial e pleno de arbitrariedades contra os direitos civis, a Teologia da Libertação cresceu e fez a diferença na formação de várias lideranças religiosas, comunitárias e artísticas locais, que até se tornaram vozes nacionais e internacionais, entre seus principais representantes, podemos destacar o Frei Leonardo Boff, Frei Beto e Frei David.

Na elaboração dos ciclos de memórias para a exposição permanente do Museu da Maré, há, obviamente, também o “Tempo da Fé”, onde os organizadores procuraram traduzir em uma sessão, o mosaico das religiões, que de certa forma, estão presentes na formação do mareense. Carlinhos, enquanto realiza a visita técnica (4/07/2019), faz questão de lembrar, que “antigamente, havia um número significativo de terreiros na Maré, hoje, quase já não há”.



Figura 4- Tempo da Fé, um dos doze tempos, que compõem a exposição permanente do Museu da Maré.

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Legenda: Visita guiada pela professora e fundadora do Museu, Claudia Rose (23/11/ 2019).

As igrejas evangélicas também cresceram, ampliaram seus alcances no interior das favelas, produziram líderes políticos e artísticos, que também se tornaram vozes nacionais. Parte desse grupo possui forte tendência ao conservadorismo e a intolerância generalizada, cuja síntese ideológica e política se traduz na chamada “bancada da Bíblia”, que por alguns fatores e códigos de conduta de determinados sujeitos, se alinha com a “bancada da Bala”.

Claudia Rose acrescenta:

*Então, tem todos esses fatores, tem essa conscientização, dessa consciência de classe, que foi sendo desenvolvida a partir do contato com a Teologia da Libertação. Eu acho que entrar para universidade, pra fazer história foi fundamental... Fazer história na UERJ, em 87. O Carlinhos fez Direito na UFRJ, o Luiz, que também é um dos fundadores, fez História na PUC. Eu acho que são fatores que influenciaram (Entrevista realizada no dia 23/11/2019).*

Isso tudo, além de ter provocado muita inquietação, injetou sangue novo nas artérias dos movimentos sociais comunitários, que tinham como espaço propício de organização política, as associações de moradores e a relação com as Pastorais (da Juventude, do Trabalho, da Terra e do Negro), que semeavam estímulos aos estudos, à busca do conhecimento e à participação sócio-política nas periferias.

Carlinhos sublinha as particularidades de sua inserção na Maré. A explicação dada por Carlinhos nos ajuda a entender o seu processo de tomada de consciência e mudança de postura em relação à problemática étnico-racial, que não está dissociada da problemática socioeconômica, na favela e na sociedade, de modo geral.

*Eu acabei assimilando isso, que era a minha causa também de vida. Era morador, era favelado, por mais que não quisesse me identificar dessa forma, era favelado, morador, né? Porque pra mim era, talvez, mais fácil. Eu era articulado, eu tive uma formação, a família do meu pai não morava na favela. Então, eu tive também contato com a classe média baixa, eu sou branco na minha aparência (entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2019).*

O MuM formou uma geração de lideranças. Durante o trabalho de campo, em uma de minhas entradas e saídas no Museu da Maré, encontrei com Renata Souza, ex-aluna do Pré-vestibular do CEASM, graduada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/ UFRJ e Deputada Estadual (PSOL-RJ). Em um dos momentos de nossa conversa, ela me falava do orgulho de ter passado por esse processo de formação de base na Maré e ter estado à frente do jornal “O Cidadão”, durante 13 anos de sua vida.

Por outro lado e com certo orgulho, outros sujeitos mareenses, com quem conversamos durante o trabalho de campo, também se sentem recompensados e privilegiados por terem dedicado parte de suas vidas à luta de resistência, insurgências e produção de memórias contra hegemônicas na Maré. De qualquer forma, a Maré não é um lugar mítico e nem fora da realidade da cidade, é a própria cidade em suas diversas performances, enquanto parte do acontecimento urbano orientado por diferentes interesses e projetos societários distintos.

Quanto a isso, Claudia Rose adverte:

*Tem uma parcela da sociedade, principalmente, de um pessoal da classe média, gente que mora fora da favela, que tem uma visão muito romantizada da favela. Que a favela é o lugar da solidariedade, da cooperação, onde todo mundo é... Aquela coisa toda. E, na verdade, não é isso. É um território da cidade como qualquer outro. E, eu acho que, talvez, aqui, as contradições existentes na cidade estejam mais visíveis (entrevista realizada no dia 23/11/2019).*

Portanto, desmistificar e desconstruir a visão romantizada, carregada de estigmas e estereótipos forjados e depositados na imagem da pessoa favelada é parte fundamental desse trabalho. E, quando invocamos a memória de diferentes gerações de moradores, que nasceram, cresceram, se formaram e, ainda vivem ou atuam na Maré, o que se afirma, é a questão do direito à memória crítica sobre o processo de reinvenção de um lugar de pertencimento e consciência da luta de classes, que movimenta a sociedade capitalista.

Afinal, o tecido identitário formado pela população da Maré, apresenta suas particularidades e, é constituído por linhas de interesses diferentes, que promovem interpretações distintas sobre as condições de vida na favela. Por isso, Claudia Rose enfatiza a questão da consciência de classe, como um paradigma importante para se compreender a problemática existente na Maré, como parte indissociável da problemática da urbanidade da cidade do Rio de Janeiro.

## 4

### Memórias das Lideranças do Museu da Maré

Nesse capítulo, faremos a análise mais detalhada das entrevistas realizadas. Interessou-nos saber o que pensam e como se posicionam nossos interlocutores sobre as questões que são colocadas, historicamente, para quem é da favela e aprendeu com o tempo e com as lutas a resistir e “reinventar-se” através de um museu e uma favela.

#### 4.1.

##### Ser favelado

Para a professora de História e mestre em bens culturais (FGV), Claudia Rose Ribeiro da Silva, a visão sobre “ser da favela” inclui:

*Ser uma pessoa que tem uma consciência do lugar, uma consciência de classe. Porque se você se articula, você tem minimamente uma consciência de classe. Você sabe que a favela é um lugar de resistência pra população que foi historicamente excluída e que teve de dar um jeito para sobreviver e, ter um lugar de moradia. Então, a favela tem essa perspectiva e isso está, diretamente, ligado a uma consciência de classe. Então, a pessoa tem uma consciência de classe, né? Então, eu acho que é isso. É uma pessoa que tem um pertencimento, ela tem uma identificação com o lugar, com o território, ela entende a história desse território e é uma pessoa que tem consciência de classe (Entrevista concedida em, 23/11/2019).*

No último parágrafo do depoimento acima, Claudia Rose, praticamente, conceitua o que seria, para ela, ser da favela, em apenas três linhas: “É uma pessoa que tem um pertencimento, ela tem uma identificação com o lugar, com o território, ela entende a história desse território e é uma pessoa que tem consciência de classe” (Entrevista concedida em, 23/11/2019). De acordo com nossa interlocutora, poderíamos acrescentar que, são essas pessoas, que, de uma forma ou de outra, produzem o sentido da vida local, através da militância comunitária pela garantia de direitos.

Já, na visão de Lourenço Cezar da Silva:

*Eu acho que cada um tem uma percepção. Eu gostaria muito que todo mundo tivesse a minha percepção (risos), mas essa ditadura não vale à pena. Mas eu gostaria muito que as pessoas pudessem ter esse poder. É que eu me sinto empoderado quando eu falo. Esse poder de se assumir assim: “Eu sou favelado” (Entrevista concedida em 14/10/2019).*

A visão positiva de pertencimento apresentada, pelos dois líderes acima incluídos, é uma visão que revela o grau de consciência política, e que também se aproxima do depoimento de Marcelo Pinto Vieira:

*Como você define a pessoa que nasce, cresce e se articula na favela? Ah, eu não sei... Eu acho que é tão comum, assim...Então, eu vou falar da articulação. Por que eu não sou muito de articulação não, assim, entendeu? Eu entrei nessa, não sei nem por quê... Nas coisas assim... CEASM, museu... Acho que é uma identificação. Que sempre em casa eu guardava coisa, achava no meio da rua e guardava... Deve ser por isso. Coisa que eu me identificava. Agora, nascer e crescer é... Eu não sabe, entendeu...Nasci aí, cresci aqui. Eu acho, eu ia pra rua brincar, é isso, né? (risos). Ia pra escola, a mãe gritava no portão, entendeu? Assim, eu não jogava bola porque era péssimo de bola... Pipa, péssimo de pipa. Bola de gude brincava, mas, também era péssimo... Peão, terrível...É bem triste. Mas, brincava, entendeu? Era bacana, mas, foi bom o contato com as pessoas, a galera que eu convivi. Têm alguns, que foi do tempo da escola, que moram na rua, então... Nem moram mais aí. Então, com estrutura, até mais classe média, fora da favela, mas, tem os que continuam na favela. Então, assim, é engraçado. Eu acho que, a galera que eu estudei junto tá todo mundo... Eu fazia parte do grupo, não faço mais. Também eu não sou muito chegado a essa coisa de grupo e, enfim. Tô bem, né... Funcionário público, trabalho, tem sua profissão, tem seu carrinho, sua casa, mas os que não estudaram? Outro dia, até, encontrei um empurrando um carrinho de lixo, outra vez. Uns morreram pela questão de tráfico, pela questão de assalto, de roubo, mas, a galera que eu estudei está todo mundo fazendo coisas. E era isso, era brincar na rua e conviver assim com as pessoas. Foi bom. Um período bom (Entrevista concedida em 14/11/2019).*

Ainda que não tenha se envolvido quando garoto nas questões sócio-políticas da Maré, e deixar claro, que estava mais afim de “curtir a vida”, Marcelo não deixou passar a oportunidade de entrar na luta, quando solicitado pelo seu irmão (Antônio Carlos). Juntos teceram os primeiros fios de memórias das Marés até fundarem um museu. E o compromisso aparece como parte das aprendizagens obtidas no período de formação familiar:

*Eu acho que a construção do museu tem muito a ver com isso período, de infância... Eu falo muito com as pessoas. Quando chegou a proposta da montagem do museu e eu fazendo cenografia, já tinha terminado, não sei. E eu sempre gostei dessa coisa de artes plásticas, e tal. Sempre fiz uns cursinhos do SENAI depois fiz uns cursinhos de fora do SENAI, cursos mais voltados para as artes plásticas no Centro do Rio e tal. Meu pagava e depois eu me articulei. Foi até um período*

*quando eu saí do segundo grau, que eu fiz um pré-vestibular e não queria nada aí fiquei um tempão sem estudar aí depois de um bom tempo eu retornei com essa coisa de fazer uma faculdade, enfim. Mas nesse período eu fazia esses cursos, essas coisas. E aí eu fazia umas bijuterias e arranjava um dinheiro, uma graninha que dava pra eu sair. Na adolescência tive um período de estar na favela, mas como meu pai tinha carro, a gente circulava muito, entende? Andava, meu pai levava pra passear, tinha meus tios, a gente ia pra cinema com meu tio, passava férias na casa dessa minha tia e aí andava, ia pra Madureira, ia pro Méier, e passeava e meu pai com carrinho a gente ia... “Ah, vamos pra Urca, vamos pro Flamengo, vamos dar uma volta no Rio?” Então lembro muito disso assim. Eu acho que foi respondido, eu sou meio fluxo, tá? Eu vou, eu volto. (Entrevista concedida por Marcelo Vieira no dia, 14/11/2019).*

Podemos afirmar que a centralidade da sua declaração também revela que morar na favela é como morar em qualquer outro lugar. Seu pertencimento indica influência de um *ethos* de uma estrutura diferenciada da maioria das famílias da favela, o que lhe possibilitou ter um leque mais aberto de opções e de mobilidade.

No caso da família de Lourenço, com a ausência da figura paterna, a mãe cumpriu papel determinante para a formação dos filhos. Lourenço, na condição de irmão mais velho, precisou assumir as responsabilidades de provedor, para cuidar dos mais novos, ao lado da mãe. Mesmo com as dificuldades de toda família preta e pobre da favela, tanto ele, quanto o seu irmão, conseguiram estudar, acessar o ensino superior, inclusive com pós-graduação.

Tanto para Marcelo Vieira quanto para Lourenço Cezar, ser da favela significa, entre outras coisas, aprender com o luto da perda de amigos de infância, o sentido da luta pela vida e pela arte de se envolver com as memórias dos seus. Para a nossa análise, é importante incluirmos o interessante destaque feito por Marquito, arquiteto do Museu, que não temos o mesmo histórico de relação de infância na Maré, como é o caso de todos os outros entrevistados:

*[...] Eu venho do interior, né? Do interior de Minas Gerais, então já tem uma identificação, porque a favela que eu descobri aqui no Rio de Janeiro tem muitas pessoas também do interior de Minas Gerais, que moram na favela. E eu falei um pouco também da minha família, dos meus irmãos. Então eles ficaram porque a gente também tem, é uma família também muito simples. Então, os meus irmãos, meio que induzidos pelo meu pai. (Entrevista realizada no dia 07/ 12/ 2019).*



Importa afirmar que as estratégias de formulação de um quadro que possa encaminhar a percepção sobre como se defende o território, sobre como se desenvolvem tecnologias de resistência, incluem a cooperação de diferentes sujeitos sensíveis ao trabalho nesse contexto. Sabe-se das dificuldades impostas pelas formas de degenerescência e estigmas adotados nas formas de representação das zonas periféricas do entorno daquilo que se reconhece como sendo a cidade. A travessia do jovem estudante mineiro carrega a força do lugar, assim como sua família também foi um importante *locus* de resistência. No seu caso, deslocar-se entre cidades foi importante para alcançar inserção e maior mobilidade no mundo do trabalho.

O pertencimento social que marca essa primeira pergunta aparece acompanhado de uma tomada de consciência socioespacial, em todos os casos aqui tratados, o que revela o nível de entrosamento, sintonia e consciência da importância da vida comunitária e do poder do sujeito coletivo.

#### **4.2. Da inserção política ao Museu da Maré**

A trajetória de Claudia Rose, como estudante de escola pública com forte inserção nas atividades da Igreja Católica local, está marcada pelos seguintes aspectos:

*E de onde vem o seu envolvimento com as causas dos moradores dessa favela? Bem, primeiro que eu nasci aqui, mas isso não diz muito. Cresci aqui, mas nesse crescer quando tinha por volta de 12 anos eu entrei pra Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, por que assim, com 12 anos eu não tinha feito ainda a primeira comunhão, mas assim, minha família era católica como todo católico não praticante e era... E, não existia uma preocupação assim “Ah, vocês vão entrar pra catequese com sete anos, oito anos...” não. Aí eu não vou realmente lembrar muito bem como é que surgiu isso assim, o desejo de fazer a primeira comunhão. Não sei se foi alguém “Ah, vocês ainda não fizeram a primeira comunhão”. Não lembro. Eu sei que a gente foi fazer, eu e minha irmã também minha irmã Cleide que é mais... Eu tenho duas irmãs: a Cleide e a Andreia. Andreia é 5 anos mais nova. A Cleide é um ano e pouquíssimo mais nova do que eu. E aí, a gente já tinha mais ou menos a mesma idade, fomos juntas pra catequese e na época, isso era 1980. (Entrevista realizada em, 23/11/2019).*

No seu depoimento, fica evidente a importância da Catequese nos processos de sociabilidade na fase inicial de sua formação, o que, certamente, influencia a construção da subjetividade da professora e líder comunitária. Não apenas Claudia Rose, mas, também, Luiz Antonio e Antonio Carlos foram inseridos, logo cedo, em um movimento jovem católico, que se desdobrou em ações voltadas para a transformação do território, onde nasceram, cresceram e até, hoje, se articulam.

Por outro lado, lá em Barbacena, interior de Minas Gerais, Marco Antonio Fonseca (Marquito) explica um pouco o seu processo de sair de sua cidade natal para o Rio de Janeiro.

*Então, a minha família... A gente mora num bairro simples, que era um bairro operário, de uma antiga fábrica de tecidos e nesse bairro tem uma grande basílica, que é uma igreja, que é um templo muito grande, que é uma referência também, porque é chamada Basílica de São José. Então tem uma festa muito grande no mês de abril em homenagem a São José. Então, tem devotos de todos os lugares da região e também tem essa coisa da venda de coisas. Aí vem gente de todo lado... de São Paulo, Rio de Janeiro para montar barracas e vender coisas. Então esse bairro tem uma grande movimentação, ou seja, também tem o movimento dos moradores, né? É um bairro bastante católico, então, a gente tem uma referência muito grande dessa coisa da religião católica. Isso interferiu muito na educação da gente e também na socialização dos vizinhos e, como eu te falei, assim, é uma família muito grande e, que todos os irmãos por parte do meu pai moram na mesma rua (Entrevista concedida em, 07/12/2019).*

Marquito é mais um mineiro, que virou carioca e em seguida, virou mareense. Desde que saiu de Barbacena, na década de 1980, veio direto para o Rio de Janeiro, para estudar e trabalhar. O arquiteto do Museu da Maré tem assumido importantes agendas com o coletivo e torna-se um dinamizador do núcleo duro. Reconhece que nas suas travessias, os laços com a cultura comunitária são também os laços aprendidos na sua infância em rituais, que incluem legados da religiosidade. Para entendermos como se deu o seu envolvimento com as causas da favela da Maré, destacamos o seguinte fragmento:

*Sobre o envolvimento pelas causas dos moradores. Então, vem muito a partir dessa coisa da luta pela moradia, né? Embora... por que eu tive também nessa questão um intervalo, por quê? Por que no momento que eu estava assim muito atuante nessa coisa de trabalhar, na questão da moradia, de estar pensando a cidade, por que eu também participei de um dos grandes projetos do Rio de Janeiro, que foi o Rio Cidade. Então foi um momento assim bacana, sabe? Que a cidade estava repensando seus bairros, assim, entendeu? Então, o Rio Cidade era um projeto para a gente reavaliar, lógico, porque foi um projeto muito caro, que*

*cada... Teve uma tentativa de ter uma estética pra cada bairro do Rio de Janeiro, reforçando que cada bairro é um bairro e que a cidade é dividida mesmo. E, é muito nítido isso, A Zona Sul ela apresenta mais isso, essa divisão, do que a Zona Norte, por que, as tentativas são para que Botafogo seja uma coisa, Copacabana seja outra, esteticamente, sabe? Cada um tem que ser diferente. Enquanto que numa cidade em termos de economia mesmo, você padronizar o poste... É a cidade, então nessa cidade todo mundo tem o mesmo poste, até por que... Tem a questão do padrão nisso...Então, na questão dos equipamentos urbanos quando você começa a modificar aí você começa a dar outra cara nos lugares, entendeu? Então começa também a divisão, sabe? Ué, é mais nobre do que o outro... Por quê? Qual é o critério? Então, assim, esse critério não é revelado. E aí dentro desse intervalo, que eu tava nesse trabalho de moradia, e tal... Focado mais em estudar as tipologias habitacionais (Entrevista concedida no dia 07/12/2019).*

Antes de conhecer e começar a trabalhar com a equipe do Museu da Maré, fez parte da equipe que elaborou o Museu da Vida (FIOCRUZ), participou do Projeto Rio-cidade e, atualmente, trabalha na Fundação Osvaldo Cruz e no Museu da Maré.

Luiz Antonio Oliveira (Luizinho) reforça também o papel da Igreja na sua formação política e descreve da seguinte forma sua inserção sócio-política nos processos comunitários da Maré:

*De onde vem o seu envolvimento com as causas dos moradores da favela da Maré? O meu envolvimento é na verdade de quem nasceu e foi criado aqui na favela, é... Meu envolvimento efetivamente partiu da minha participação no grupo dos pastorais que existia na capela do Parque União, na capela da Igreja Católica e ali se viu que era possível fazer mais para além dos próprios ritos religiosos, né? E tentar uma articulação maior pros moradores, mas do ponto de vista de ações pastorais. Por exemplo, ali já com 16, 17 anos a gente viu que era importante trabalhar questões em comum das capelas que existiam na favela da Maré, né? São quatro capelas mais a matriz que é a Navegantes, então a se pensar que era importante fazer uma unidade entre elas. Pegar pontos em comum, por exemplo, como uma missa de primeiro de maio, do trabalhador. Você juntar todo mundo e fazer essa celebração religiosa. Celebração, também de olhar para realidade, olhar mais crítico, numa linha da teologia da libertação, que à época, tinha um contexto mais representativo no Brasil e, no Estado do Rio, em algumas regiões. Aqui na cidade, com a administração da Arquidiocese pelo Dom Eugenio Salles existia uma resistência à prática da Teologia da Libertação, mas, não era um impeditivo para que a gente pudesse atuar dessa forma. Então é pensar que numa campanha da fraternidade que fale sobre a moradia a gente reunisse todo mundo num Domingo de Ramos, por exemplo, fazer uma celebração onde a gente pudesse cantar e trazer músicas populares, canto popular nordestino, colocar um sanfoneiro pra tocar na celebração. Então isso foi... Esse envolvimento com as causas dos moradores da Maré se deu nesse momento ligado à questão das pastorais da Igreja Católica, seja pastoral da liturgia, seja pastoral social, então, essas articulações foram um primeiro movimento, essa participação foi um primeiro movimento para que a gente pudesse pensar em trabalhar algumas*

*dimensões dos moradores da favela da Maré. (Entrevista concedida no dia 14/11/2019).*

Luizinho evidencia também a importância da Igreja Católica na sua formação. Além de historiador e especialista em museus comunitários, é violonista também. Desde adolescente, que desenvolve uma parceria, que tem dado bons resultados para a Maré, com o seu outrora vizinho do Morro do Timbau, o Carlinhos.

Carlinhos, por sua vez, reforça também o papel da Igreja, assim como sua inserção na política partidária:

*É! Eu comecei, assim...Comecei muito cedo. Posso te dizer assim... Com 13, 14 anos eu comecei minha militância religiosa. Depois com 16, 17 anos pra 18 eu comecei uma militância mais política através da TV Maré, que era o trabalho de vídeo que a gente fazia. E depois com o trabalho na Pastoral da Juventude, principalmente. Um grupo jovem, um grupo de adolescentes na Pastoral de Liturgia, ainda no campo da igreja. E depois, posteriormente, com a minha militância no PT. Sou filiado ao PT desde os 18 anos. Agora, a gente trabalhava bastante. Caiamos dentro mesmo, em época de eleição. Em 89 eu tive uma tuberculose de tanto que eu trabalhei na campanha do PT. Virando noite... escrevendo na parede: "Lula, Brasil". Aquelas coisas todas. Então, foi desde muito cedo, esse meu processo. E, eu também participei, vamos dizer da estrutura política da Maré, por que eu fui presidente da Associação de Moradores do Timbau. Eu fui vice-presidente da UNIMAR, que era a União das Associações de Moradores do Bairro da Maré, fui fundador da Vila Olímpica da Maré, fui fundador do CEASM e do Museu da Maré. Atuei no pré-vestibular antes disso, enfim... Tive todo um processo ali, que foi bem importante. Acho que uma coisa tá amarrada com a outra, né? (Entrevista realizada em 30/10/2019).*

Um aspecto importante no depoimento acima é a habilidade em trançar os fios, que tecem as diferentes redes de memórias da Maré. A nosso ver, o novelo que se desenrola até a criação do MuM precisou de muitas mãos para desenrolá-lo. Podemos supor que, por uma questão de ética, os nossos entrevistados estão atentos à importância da participação de diferentes sujeitos que contribuíram para o processo sócio-histórico do qual eles são protagonistas.

Pela narrativa construída por Marcelo, é possível perceber, que a tessitura e o chamamento do grupo promoveram sua participação como um importante tradutor de muitos projetos de intervenção na realidade da favela, onde pôde incidir, com conhecimentos específicos da área das Artes e da área de Produção Cultural:

*E nessa coisa do CEASM aí a gente fazia umas coisas... Aí, eu... “Ah! O Marcelo fica com a parte cultural”. Sei que aí fiquei um tempo e foi bem legal, era meio no iníciozinho e fez umas festas bem bacanas, umas atividades bem interessantes, fazia capoeira, oficina de capoeira, eu dava umas oficinas de artes plásticas aí teve contato também com o pessoal do Teatro do Oprimido. Eram pouquíssimas atividades, mas acho que, dentro do contexto era bem bacana. Mas é porque eu era muito fluxo. Não ficava nessa... Direto... Eu foi circulando... Fazendo um monte de coisas. Aí o período depois que saí disso tudo aí enche o saco. Não estava mais afim também de ficar na Globo, tava querendo terminar a faculdade... Aí nesse período eu montei um grupo aqui, um grupo de mulheres, foi bem bacana. CEASM ainda estava em crise, e tal... divisão rolando. Aí, eu montei um grupo de mulheres porque eu estava, afim. “Ah! Monta e tal...” E foi maravilhoso, por que aí todo... Muita coisa que eu aprendi na faculdade, que eu fazia na faculdade, muita coisa que eu exercitei na Globo, exercitei no teatro eu fazia com ela, né? Então, a proposta era eu fazer um resgate. Aí fazia com elas, né? Experimentação de coisas, uma retomada da questão nordestina que elas traziam, porque muitas eram nordestinas que não esqueceram, tá ali, guardado. Então a gente fazia muito isso. Trabalhava roupa, trabalhava crochê, trabalhava bordados e uma bagagem que eu tava trazendo da faculdade, né? De trabalhar textura, trabalhar essa coisa, um período muito rico. Aí com esse grupo das mulheres eu trabalhando no... Tinha trabalhado para Globo só que eu não queria voltar pra Globo, porque eu queria fazer outras coisas (Entrevista realizada no dia 14/11/2019).*

A felicidade de realizar ideias no coletivo fez com que Marcelo priorizasse projetos que marcassem as ações do CEASM e, de certa forma, a sua própria história de vida. Foi possível perceber o quanto essas memórias são prazerosas, quando reviradas por ele:

*[...] a minha professora, que eu fui assistente dela na televisão, ela chamou pra... Eu falei com ela “Ah! Eu estou fazendo um trabalho com as mulheres, não sei o quê...”. “Ah, Marcelo, a gente tem umas roupas aí, você não quer fazer a customização dessas roupas, coisa e tal...”. “Ah! Manda. Vou Fazer”. Peguei e nós fizemos mais de 400 roupas da Globo, de figuração, de ator, foi um período muito rico, muito bom. Aí a gente fez... Aqui no museu não tinha nada, aqui dentro. Era só o galpão tinha nada. Tava ocupando o espaço. Aí, foi bacana, o grupo hoje não existe mais. Como eu sou muito fluxo (riso). Que é isso também... Elas ficaram coordenando, mas aí é muita confusão, muita... Ah, não tô muito a fim de esquentar a cabeça com isso, entendeu? Aí, hoje... Aí, eu também fui buscando outras formas... Nesse período tava com elas, mas fazia coisas pra teatro, pra televisão... Fiz coisas para carnaval. (Entrevista realizada no dia 14/11/ 2019).*

De alguma forma, pelo que pudemos observar de sua narrativa, o grupo envolvido desfruta do importante elo com o mundo do trabalho realizado por Marcelo. Além disso, criou-se a possibilidade de socializar na favela uma gama de conhecimentos, que só circulavam no meio artístico e cultural das elites.

Claudia Rose reconhece o papel do acesso ao ensino superior como forma de capacitação da própria atividade política das lideranças, o que enriqueceu a seguinte questão:

*Eu acho que entrar pra fazer História foi fundamental. Fazer História na UERJ em 87. O Carlinhos fez Direito na UFRJ, o Luiz, que também é um dos fundadores fez História na PUC. Eu acho que isso são fatores que influenciaram... Mas eu também queria colocar uma questão importante que eu acho. Acho que, assim, o fato de a gente também estar inserido, eu particularmente, numa família que não era uma família na extraordinária, uma família tradicional: pai, mãe e três filhas. Mas, assim, apesar disso, também tinha muito a questão da mãe que lia muito, lia livro de receita, lia revista, lia jornal. Meu pai lia jornal e tinha aquela visão de que, assim, “tem que estudar”. Sabe aquele incentivo de que tem que estudar. Então, assim, eu não tenho uma trajetória muito da falta de apoio familiar porque a gente tem isso muito presente na narrativa de muitas pessoas. Não é o meu caso, porque, assim, apesar da gente ter sido muito, muito pobre e de inúmeras vezes a gente não ter o que comer em casa, mas, tinha sim, o apoio sempre da família. Tinha o pai, tinha a mãe, mas, tinha também os tios, né? Então, tinha sempre a madrinha, tinham pessoas que apoiavam e o fato da gente morar muito próximo da escola primária e, aí, ter o fato dessa comunidade da escola, por que assim, os professores tinham essa atenção e os funcionários da escola eram todos moradores da Maré (Entrevista concedida no dia 23/11/2019).*

São desdobramentos das opções também políticas que se faz ao insistir com a carreira acadêmica e garantir maior legitimidade sociopolítica. A rede de apoio familiar revela sua centralidade nas diferentes trajetórias. A alternativa encontrada foi explorada e, de certo, a sociabilidade garantida nas formas de convívio foi valiosa.

No caso de Lourenço, ele explora suas primeiras inclinações para entender os movimentos por maior politização das diferentes pessoas com as quais se relacionava quando jovem:

*Então, foi um pouco isso, tem um pouco dessa paixão que eu já tinha pelos movimentos de associação de moradores. Minha mãe e eu a gente gostava muito do Lula, não, necessariamente do PT. Gostava muito da imagem dele. E, quando a gente chegou no CEASM foi quando eu me filiei ao PT, que era um grupo de petista que fundaram. É engraçado por que lá do CEASM eu acho que fui o único que participei um pouco da vida orgânica, dentro do partido, de ir aos congressos, de diretórios, assim, de frequentar e saber um pouco como que... Era muito bonito na época, início de 2000. Era muito... A vitória mesmo do Lula. Nossa! Foi uma explosão tão grande de esperança, né? Foi legal participar disso. E é engraçado como nossa memória ela é muito seletiva, né? Então, aquela vitória o PT, eu acho que não consegue mais reproduzir, quer dizer pode até... Se quiser explorar ainda mais pode ser que até consiga (Entrevista concedida no dia 14/10/ 2019).*

Lourenço anuncia as principais motivações, já que esteve atento ao processo que indicava uma possível virada sociopolítica das classes historicamente subalternizadas. Evidencia-se, ainda, uma afinidade intergeracional entre ele e sua mãe, em relação à situação política daquele período da história do país, que produziu impactos decisivos para o surgimento do Museu da Maré.

Para Marquito, alguns episódios revelam a sua entrada nessa dinâmica coletiva e, através de alguns fragmentos, ele resume etapas fundamentais da sua participação na missão do Museu da Maré.

*Então, é desse momento que a gente também... O museu ele se estabelece como uma referência de museus. Então, o Museu da Maré... A gente entende, a gente acredita que é um museu político, é uma referência, tanto é que a nossa luta pelo museu fica quando teve toda uma iniciativa da empresa dona do prédio, que o nosso movimento foi. Então, assim, não pode entregar o prédio porque o museu já extrapolou a Maré. Então, esse Museu da Maré não é só da Maré, é do Brasil, é do mundo, entendeu? Por que a partir de uma exposição muito simples, mas, de muita qualidade, entendeu, de qualidade mesmo... qualidade top assim, sabe, por que é. Então, ele se tornou um lugar de discussão, de debate, né? Então ele se tornou. Então, a partir daí, a gente também acabou se envolvendo mais com aquilo, que a gente é, um espaço que conversa temas da atualidade, entendeu? Os temas políticos da atualidade. Então, as nossas exposições temporárias que a gente desenvolve, assim, no meu caso, é uma participação maior em traduzir através, da arte, através do espaço, os temas políticos que são discutidos aqui, então é uma forma de comunicação. Então, a gente, pelo menos, eu traduzo, a partir, das exposições temporárias, as discussões da atualidade, certo? Tudo no contexto. (Entrevista realizada no dia 07/12/ 2019).*

Ao especificar as diferenças entre os dois formatos de exposições, que compõem o acervo disponibilizado pelo Museu da Maré, Marquito sinaliza, onde e, em que momento da produção de memórias e intervenção crítica, ele pode aplicar melhor os seus conhecimentos específicos. Assim, ele contribui para dinamizar os debates estéticos e políticos, provocados pelas imagens, formas e cores que inundam cada tempo contido nas exposições do Museu.

### 4.3. Fatores decisivos para o trabalho com a memória local

Os fatores decisivos para o trabalho com a memória local estão diretamente relacionados, segundo nossos entrevistados, com a experiência familiar e a relação de vizinhança. Conforme Carlinhos explica:

*Então, a questão da memória é uma coisa assim, que eu sempre tive essa coisa de ter amizade com pessoas idosas. Eu gostava de ficar com as pessoas idosas, gostava de conversar com as pessoas idosas. Até tinha uma senhora que era vizinha lá, da gente, lá do Timbau, que era a Dona Antônia. A Dona Antônia era uma pessoa muito inteligente, falava bem. E, aí, ela era católica, mas, era uma católica e também espírita. E, aí, ela dizia que eu tinha o espírito de Getúlio Vargas (risos). “Esse menino tem o espírito de Getúlio Vargas”. Porque eu gostava de... Acho, que embute a coisa da política, de gostar, de conhecer pessoas idosas... muito próximo do Seu Nilo, por exemplo, que era um mestre de cultura que tinha, que era marido da Dona Antônia. Então, gostava muito de conversar com meu tio também, o Silva. Então, assim, foi bem... Eu sempre tive essa relação. Quando a gente começou com a TV Maré, então, uma das coisas que surgiu foi essa coisa de gravar os depoimentos dos moradores, né? Então, foi assim bem interessante, porque a gente acabou se reunindo depois, por exemplo, no PT, com pessoas que tiveram outra trajetória, numa outra comunidade como o pessoal da Nova Holanda. Então, tem uma coisa de relação que é muito estranha porque sempre houve essa relação de encontro e desencontro com o pessoal da Nova Holanda e o pessoal do lado de cá. Por que hoje a Maré tá dividida, não é que antigamente fosse assim, mas, parece que a coisa... sempre teve essa... O CEASM também foi uma tentativa de integrar, de unir também um pouco essas ações, né? Nossa ideia era essa. E acabou o negócio não dando muito certo nesse sentido (Entrevista realizada em, 30/10/2019).*

Quando pensamos nos resíduos de memórias, pensamos também nas articulações que os sujeitos fazem em seus contextos locais, com recursos mínimos. Eles se manifestam, muitas vezes, pelas relações diretas entre os vizinhos mais próximos e os parentes. Ao olharmos o Museu da Maré hoje, identificamos que essa prática de vizinhança e esses laços familiares permanecem presentes e o quanto foi determinante a prática intergeracional.

Luizinho, por sua vez, discorre sobre seu percurso de formação política e religiosa, passando pela Pastoral da Juventude, TV Maré, Rede de Memórias e outros processos que antecederam a criação do Museu da Maré:

*É... Isso, na verdade tem um ponto de partida que está baseado na própria atividade pastoral das comunidades, das favelas. Se o Carlinhos não falou disso,*



*foi um ato falho por que na inserção das capelas, das comunidades, das pastorais, enfim... Todo o campo de atuação nossa, a arquidiocese ela tratou, era o final da década de 80, de criar um projeto junto com alguns jovens da Maré, que era a TV Maré. Então, alguns jovens das comunidades todas aderiram a esse projeto da TV Maré de fazer filmagem, de entrevista, e tal... Então, o Carlinhos foi uma delas aqui pelo Morro do Timbau, eu aqui na Baixa do Sapateiro, né? A Maristela, tem a Marinalva, tem o Ivo, que foi uma pessoa acho que coordenou um pouco essa história, o Marcelo, irmão do Carlinhos, Marcelo Vieira, as pessoas do Parque União como o Willian, Rosa, enfim... Um grupo muito interessante que se articulou pra fazer junto com a Cáritas no Rio de Janeiro esse projeto da TV Maré e foi um projeto que era isso, era registrar as ações das pastorais, das comunidades da igreja católica aqui na Maré. E esse grupo foi algumas pessoas desse grupo começaram a perceber outras possibilidades com esse instrumento do vídeo e de passar para pessoas nas ruas, né? Era a possibilidade de registrar em vídeo o dia a dia, o morador, a entrevista do morador, não só falar o que ele achava da Igreja Católica, da pastoral, mas, de onde ele vinha, como chegou na Maré, se sabia o que significava o nome daquela comunidade que ele morava, enfim... O morador começava a descobrir essa percepção, ali muito insipiente da dinâmica da história oral. Então, registrar também o bloco da comunidade Corações Unidos, o bloco desfilando, filmar, ali, a atividade de pesca, lá, dos pescadores, filmar o pescador cerzindo lá sua rede, falando um pouco de como estava a pesca (Entrevista concedida em 14/11/2019).*

Luizinho faz questão de trazer a memória dos demais sujeitos responsáveis pelas etapas que influenciaram sua formação e a construção dos tempos anteriores à criação do MuM. Marquito reforça esse projeto e salienta, no trecho abaixo, a grandeza do museu e o volume de trabalho gerado:

*Na realidade esse trabalho já vem muito do CEASM, da galera toda, certo? Então, esse momento eu não peguei. Eu começo a pegar a partir do museu, mas, com certeza, mesmo dentro do museu, foi aquilo que eu falei, anteriormente, então, o museu engole, não é, cara? O museu ele começa a te solicitar, que você tem que ter os espaços pra resgate de memórias, de arquivo, de depoimentos. Então, isso começa a ser uma coisa imposta pelo museu, então a gente tem que cada vez, fazer mais.*

Claudia Rose enfoca também a importância dos laços familiares e de vizinhança e sublinha a dimensão e o alcance do Museu da Maré:

*Aí vem, na sua visão, qual a dimensão e o alcance do Museu da Maré enquanto potência cultural na Maré e na cidade do Rio de Janeiro? Olha, essa dimensão e esse alcance são realmente muito significativos e tem um alcance muito grande e a gente às vezes nem se dá conta disso. Por que, um exemplo disso: a minha cunhada mora na Barra da Tijuca, aí ela foi levar o filho dela no psicólogo que é uma psicóloga na Barra da Tijuca. Aí, enquanto ela estava conversando porque ela foi ver, a psicóloga quer conhecer os pais da criança, e tal... E, aí, ela começou a falar “não, morava na Maré...”. “Na Maré? Sério? Então você conhece o Museu*

*da Maré?”* *Aí ela: “Claro, meu irmão e minha cunhada fundaram o Museu da Maré”. “Gente eu quero conhecer. Um dos sonhos que eu tenho na vida é conhecer o Museu da Maré, mas eu tenho medo de ir lá, na Maré, na favela”. Então, assim, alguém que a gente nunca viu antes, mas por algum motivo, em algum lugar ouviu falar do museu e conheceu o museu e tem vontade de vir aqui conhecer. Eu vejo assim, que tem um impacto muito grande por conta da própria experiência, por ser uma experiência muito inédita, onde você tem um museu, criado dentro de uma favela criado pelos moradores. Não é uma intervenção do poder público. Esse museu ele não pertence ao Município, ao Estado, ao Federal, apesar da gente ter parcerias. A própria constituição do Museu teve uma parceria técnica com o pessoal do IPHAN, que era o pessoal do DEMUC, que era departamento de museus e centros comunitários do IPHAN, que aí depois foi transformado em IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. E, a gente participou ativamente dessa constituição do IBRAM, inclusive o Museu da Maré foi muito importante na constituição, porque uma das bandeiras do IBRAM era museologia social e o Museu da Maré era uma experiência de museologia social. (Entrevista realizada no dia 23/11/ 2019).*

Mesmo sendo historiadora, Claudia Rose reconhece a dificuldade de conciliar o tempo de “fazer” com o tempo de “registrar” a própria história, que está sendo feita, diariamente. Do mesmo modo, deve ser difícil dar conta do sucesso e alcance do MuM, quando se está imbricada, de corpo e alma, nas dinâmicas do Museu. Na visão de Marquito, o MuM é um bem cultural do Brasil” e do mundo:

*Na sua visão, qual a dimensão e o alcance do Museu da Maré enquanto potência cultural na Maré e na cidade do Rio de Janeiro? Acho que também tá respondida... Quando eu falo que o museu ele extrapola a Maré, né? E, hoje ele é um bem cultural do Brasil, um bem cultural do mundo, por que a gente sempre tem a dimensão dessas coisas através dos depoimentos que as próprias pessoas escrevem, certo? Eu acho que o nosso livro é uma fonte de referência pra você, porque os depoimentos são muito intensos. Eu acho que vai ao encontro de tudo que a gente está falando aqui. Eu acho que você vai encontrar outras referências, outras falas muito bacanas, mas ele... Eu acho que ele extrapola é por que, apesar da exposição falar de um local, de um modo de vida local, mas, assim, não dá pra gente fazer o circuito do museu e a gente não deparar com as nossas próprias realidades, né? Porque enquanto a gente vê algumas referências a gente também lembra da rua que a gente morou quando era criança. Quando a gente vê algumas falas de morador “Ah, por que rolava isso, acontecia aquilo” aí a gente também faz uma volta ao passado. Na minha rua também rolava isso. Então, ele força a você também buscar suas memórias. Eu acho que o Museu da Maré é uma das grandes sacações, assim, do museu é ele que força, independente do contexto, sabe? Ele te induz a você também procurar um pouco as suas memórias assim, sabe? Por mais largado que você seja, por mais rodado que você seja. Você sai daqui impactado você fala “eu tenho que procurar a minha referência”, sabe? Alguma que seja. Porque não pode ser um apagão, assim, sabe? Não é? A vida não é isso. Porque é passagem, né? Mas, e aí? Esses rastros, como é que você vai também pegando, não é? Para contar a própria história. Eu acho, assim, que... Da nossa existência, da existência de cada um, porque aí, começa a vir pro pessoal,*

*sabe? Independente de contar as grandes histórias da família, bá, bá, bá... Mas, você também busca você contar a história sua para você mesmo também, entendeu? Não sei, eu acho que ele mexe. As pessoas não saem impactadas não é à toa, entendeu? Beleza, eu não sei (Entrevista concedida em 07/12/2019).*

Para Marquito, pensar sobre o alcance do Museu significa aceitar a sua potência em todos os sentidos, sobretudo no sentido da valorização de um conjunto de memórias de pessoas e acontecimentos, que não tiveram espaços garantidos nos museus tradicionais, espaços historicamente reservados para as memórias das elites dominantes. Em sua reflexão, deixa transparecer que o MuM, em sua completude, é um portal para entrarmos em contato com as nossas próprias memórias, nossas próprias referências.

Marcelo amplia a compreensão sobre as especificidades de dois acontecimentos decisivos na sua vida pessoal e profissional. Por isso argumenta:

*Na minha visão, qual a dimensão e alcance do Museu da Maré, enquanto potência cultural na Maré e na cidade do Rio de Janeiro? Na realidade, às vezes me vem na cabeça... Nossa...Só, que é mais concreto. Tem uma coisa que me parece meio TV Maré, sabe o que é... militância, aquela coisa. A TV Maré era uma coisa muito militante, muito... morador, e tal... E o museu também tem um pouco dessa questão, mas tem uma coisa que eu sou muito assim. Que tem uma coisa que é mais profissional. Eu ponho por esse lado. É, mais técnico, profissional. Eu, que também é minha área a cenografia... mais argumentado, mais intelectualizado, mais enfim...E você ter isso por pessoas que são crias daqui, nossa! É maravilhoso e você não precisa ter uma pessoa de fora ou intelectual de fora, ou um estudioso de fora, ou um gringo de fora, ou um cara da Zona Sul de Ipanema que vem aqui pra fazer o mestrado, pra fazer sua instalação ou fazer o seu... a sua obra de arte. Aqui tem, não precisa. A potência está aqui. Não precisa ter gente. Pode ter pra trocar informação, e tal, maravilhoso. (Entrevista realizada no dia 14/11/2019).*

Marcelo destaca a importância política da TV Maré e afirma que o MuM está ligado à fase mais técnica, mais intelectualizada da sua vida, ou seja, faz parte da sua área de atuação profissional e não esconde o orgulho de ser “cria da Maré” e ter participado de todos esses processos, que já promoveram mudanças concretas e trouxeram visibilidade crítica para a favela da Maré.

#### 4.4. Desafios e perspectivas futuras

Na visão de Luizinho, algumas ações devem ser pauta para ações futuras, não só para o MuM, mas para toda a área museológica:

*Tem um leque de ações que podem ser feitas pelos museus e um dos museus populares não se identificarem com essa história. Que eles façam esse papel que é muito importante e que isso seja uma provocação dialógica com os museus tradicionais pra que você não crie barreiras, você crie pontes e que esses museus possam estar mais abertos tal qual hoje o Museu da República está. Quem aqui pode imaginar que o Museu Histórico Nacional há um tempo atrás estava fazendo ação com presidiários? Nunca se sabe. Claro, tem muita coisa pra se fazer ainda, mas, são esses movimentos que são importantes pra você fazer com que o museu seja um museu comunitário e social tal qual o Museu da Favela, ou que está na favela, É. Isso vai muito das pessoas. O Museu da República abrir à noite pra receber uma turma, ou seja, é algo absolutamente crível (Entrevista realizada em 14/11/2019).*

Para Lourenço, o momento é propício para apontar as insuficiências e enfrentá-las. Por isso, problematiza questões que desafiam a equipe e, ao fazer sua autocrítica, identifica fragilidades no processo:

*Quais os principais desafios e as perspectivas pro futuro do Museu da Maré? Essa é uma boa pergunta. Eu acho até que lá no Museu que a gente é muito ruim de fazer esse trabalho, sabe? Eu não sei onde a gente quer estar daqui a dez anos, por exemplo. A gente não... A gente fez isso lá atrás, eu acho que em 2008 e a gente nem sequer falava necessariamente do Museu, mas, do CEASM. E, a gente está precisando fazer isso. A gente tem muito problema de... A gente sempre coloca a culpa na questão do dinheiro, que realmente limita muito a gente. Mas, também tem a questão da gente está, sabe? Não conseguir fazer, sabe? Aquela coisa que mulher consegue fazer bem? Pensar em coisas diferentes, sabe? Tô, aqui dando a entrevista, mas, tá pensando: “sair daqui, vou passar no mercado”. A gente está tendo dificuldade. Parece que a gente tem... aquela coisa de cavalo, assim. Foca numa direção e só fica naquilo (entrevista realizada em 14/10/2019).*

Sem dúvida, Marquito vibra com as novas possibilidades do Museu e acrescenta:

*A gente até, nos próximos projetos, a gente está pra receber através de editais, essa coisa de estar comentando assim... Da gente estar falando mais com outros moradores, não é? Tentar não ter muito essa divisão do Timbau, Nova Holanda, bá, bá, bá... Tentar ter uma coisa mais integrada e a gente está buscando mais essas memórias. Ou, através das próprias referências de objetos, que referências*

*da favela mesmo. E, mesmo através de documentos, fotos e depoimentos mesmo... É isso, mais ou menos? (Entrevista realizada em 07/12/2019).*

Pelo exposto, o arquiteto do Museu acredita na possibilidade de ampliarem as ações do Museu, bem como superar as limitações impostas pela dinâmica socioespacial. No conjunto das narrativas que privilegiamos para essa pesquisa sobre as formas de resistência, em um território em disputa, evidencia-se um fazer político colaborativo e caracterizado por um *continuun*. Nesse sentido, Luiz Antonio complementa:

*Mas, aqui o barato foi outro. Foi uma coisa assim, que brotou da terra, os minhocas da terra que, sabe? Então, tem uma pegada bacana nisso. E nesse sentido houve uma disposição também desse trabalho ser espraiado. A galera, aí, pensando na preocupação de fazer memória. Então, eu acho que foi um processo. Cada passo era um fator decisivo pra continuidade, até o momento que a gente conseguiu verba junto com a LAMSA e com algumas outras instituições pra trabalhar a questão da memória mesmo, de forma definitiva. (Entrevista realizada em, 14/11/2019).*

As formas de pertencimento acima reveladas nos orientam a pensar na importância decisiva do legado das famílias e das relações de vizinhança dos nossos interlocutores, como sendo os pilares para a longevidade de suas articulações e realizações no interior da favela. No relato acima, nota-se também, a consciência política do processo e valor de pertencer ao lugar. E, mais adiante, Luizinho arremata:

*Claro que a cidade é muito grande, a cultura é muito poderosa a cidade do Rio de Janeiro, principalmente e, a gente vai tocando as coisas. Cada um vai fazendo as coisas. Mas eu tenho uma compreensão de que, independentemente, da pessoa vir para as atividades, aqui do museu ou não, todas têm um grande carinho pelo Museu da Maré. Sentem que é um trabalho feito de forma séria (entrevista realizada no dia 14/11/2019).*

Como já observamos, a dimensão do afeto é fundamental nesses processos e foi evocado por todos nossos entrevistados. Por fim, nas comemorações do décimo terceiro aniversário do Museu da Maré, o Museu, além de ganhar a luta judicial pela propriedade do imóvel da antiga fábrica de peças de navios, foi convidado para participar da cerimônia de entrega da medalha e do diploma da Ordem do Mérito Cultural Carioca, no Palácio da Cidade, em Botafogo, no dia 22

de janeiro de 2020. Um dia, o MuM é ameaçado de despejo, outro dia, é condecorado no Palácio da Cidade.



Figura 5- Cerimônia de entrega da medalha e do diploma da Ordem do Mérito Cultural Carioca. Fonte: Acervo pessoal, 2020 (Foto realizada pelo autor no dia 22/01/2020).

Legenda: Luiz Antonio e uma parte da equipe do Museu, com o estandarte “Museu da Maré Resiste e Fica”.

## 5 Conclusão

Uma favela ou um complexo de favelas não surge do acaso ou de um passe de mágica, é consequência da mobilidade social e da luta política de seus habitantes, que se deslocam ou são deslocados por necessidades estruturais. Para Henri Lefebvre (2008), são consequências de intervenções urbanas, com seus muitos equívocos, através de suas reformas urbanísticas imediatistas, elitistas e excludentes. A noção de urbanizar muitas vezes significa simplesmente promover a mercantilização do espaço urbano, inferiorizando e marginalizando o que não é considerado urbano.

Os deslocamentos forçados e as realocações populacionais, que caracterizam os fluxos de formação, remoção e reassentamento de moradores (Gonçalves, 2013) em diferentes partes da cidade, constituíram atravessamentos em nosso campo de pesquisa. Consolidar as memórias desses sujeitos construtores da cidade deveria ser algo óbvio e garantido por políticas públicas, em respeito ao patrimônio sócio-histórico e cultural da classe trabalhadora, que constrói a nação com seu trabalho e costura os tecidos sociais com suas culturas, mesmo em condições subalternizantes.

Se considerarmos, que em tudo que está erguido no país, tem um pouco ou bastante do suor da classe trabalhadora, não seria nenhum absurdo pensar na preservação e no respeito ao capital simbólico, à diversidade cultural, que emana do povo e é empregada em cada obra pública ou privada. Estas se erguem para dar conta do desenvolvimento urbano da cidade, que muitas vezes não passa de uma metáfora de campanha eleitoral, uma armadilha discursiva de gestores sem compromisso com a classe trabalhadora, que mora em áreas da cidade, que, muitas vezes, a sociedade quer esconder e esquecer.

No entanto, não há como esconder o povo de uma cidade, com todas as suas dimensões culturais, patrimoniais, simbólicas, abstratas e concretas, que também determinam a identidade da cidade. O povo pode significar algo maior e melhor

do que isso que as elites querem obrigá-lo a ser. Daí a fundamental importância e relevância do processo de resistência e insurgência dos moradores da Maré.

Observamos também que o trabalho de memória do Museu da Maré só foi possível por causa de uma geração de militantes, que se formou em meio aos fluxos das Pastorais da Igreja Católica, com a prática socioteológica, assistencial e política. Foram se transformando em intelectuais orgânicos, que conhecemos e descrevemos através dos seus depoimentos.

Entendemos que diversos profissionais, como assistentes sociais, educadores e psicólogos, que atuam na ponta, poderiam construir pontes de diálogo com a museologia social e, sobretudo, com a rede de museus de favelas. Esse diálogo poderia trazer novas ferramentas e contribuições ao processo sociointerventivo nas favelas do Rio de Janeiro.

Enquanto a urbanidade formal não resolve os problemas da cidade, os contextos de urbanidade informal vão se virando, revirando e ocupando, criticamente, o espaço urbano. Assim, também se dá o processo de consolidação da memória coletiva local, a práxis da memória orgânica, representados pelo Arquivo e Acervo fixo e móvel do MuM, que constitui o objeto dessa pesquisa.

Os Movimentos Comunitários se constituem dessas linhas intracomunitárias, às vezes, invisíveis para quem não é do lugar. No caso da Rede de Museus e suas diferentes performances museais nas favelas, o que salta aos olhos é a extrema capacidade que tem os museus no combate à invisibilização dessas linhas. Cada um ao seu modo, os projetos museais existentes nas diferentes favelas, utilizando as mais variadas técnicas e linguagens, reacendem não só as linhas de memórias locais, mas todas as linhas e percursos sócio-históricos soterrados pelas camadas e camadas de cascalhos e concretos derramados para erguer a cidade.

Por isso, tratam-se de memórias insurgentes e contra hegemônicas, que se conectam, diretamente, com a consciência das necessidades socioeconômicas e políticas dos moradores. Observamos assim, uma práxis criativa de organização da memória local através do percurso dos aqui considerados intelectuais orgânicos do Museu da Maré.



Para a presente pesquisa, o Museu da Maré constitui um exemplo no processo de produção da memória coletiva, para o movimento social comunitário, para a organização política da favela e para distintas áreas do conhecimento humano, sobretudo, para a museologia social. Por sua estrutura, desenvolvimento estético, tecnológico e por sua pedagogia da temporalidade com os seus 12 tempos de memórias, constitui-se também em um paradigma da produção cultural trans-mídia e transdisciplinar, em perspectiva contra hegemônica.

O período de dois anos foi de intenso aprendizado, com todos os sujeitos que compõem a bem tecida rede de pescar memórias da Maré e, por conta dessa potente rede afetiva e política, existente dentro e em torno do MuM, podemos concluir também, que a caminho dos seus 15 anos, o MuM já é capaz de receber e formar técnicos e pesquisadores para o mundo dos museus, para essa nova era museal em plena expansão.

Pelo exposto, concluimos que o Museu da Maré é um modelo comunitário de reorganização da cultura das classes subalternizadas. Que venham outros tempos, outras lutas, outras insurgências, outras realizações e outras memórias contra hegemônicas para que jamais nos esqueçamos quem somos e o que representamos no jogo dialético. O Museu da Maré permanece e amplifica as vozes de suas contra-narrativas, sobretudo em tempos de crise política, moral e pandêmica, que atravessa o mundo e avassala o Brasil, com acúmulos de vidas perdidas à beira de um colapso, devido à sobrecarga do sistema de saúde e demasiada falta de comprometimento do atual governo federal com a causa dos mais empobrecidos.

As lideranças comunitárias, em seus diferentes segmentos, nas diversas favelas do Rio de Janeiro estão dando exemplos extraordinários de desenvolvimento humanitário no combate à Covid-19. Na maioria dos casos, sem os recursos adequados, mas, como sempre, com muita consciência do dever de salvar e proteger vidas humanas, independente da classe social, da condição socioeconômica, cultural ou étnico-racial. Enquanto o poder hegemônico produzir luto, as linhas contra hegemônicas tecerão a luta.

## Referências bibliográficas

ABEPSS. **Subsídios para o debate sobre a Questão Étnico-Racial na formação em Serviço Social**. Disponível em: <[http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio\\_debate\\_questao\\_etnico\\_servico\\_social-201812041419427146430.pdf](http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio_debate_questao_etnico_servico_social-201812041419427146430.pdf)>.

ABREU, L. A., MOTTA, R. P. Sá. (Orgs.). **Autoritarismo e Cultura política**. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.

ABREU, M. M. **O Serviço Social e a Reorganização da Cultura: Perfil pedagógico do assistente social**. Natal, RN: Vozes, 2012.

ADORNO, T., HORKEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Amsterdã: Ed Querido Verlag, 1947.

ANTONACCI, M. A. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros**. 2. ed. São Paulo: Educ, 2014.

ARAÚJO, H. M. M. Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum**, Belém, v. 12, n. 3, p. 939-949, set./dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Museu da Maré: Entre Educação, Memórias e Identidades**. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio, 2012.

BAPTISTA, C. A. Movimentos comunitários e suportes tecnológicos: estratégias sócio-ocupacionais e saberes afro-periféricos. **Anais... VIII Seminário Internacional as Redes Educativas e as Tecnologias: movimentos sociais e a educação**. 2015. Disponível em: <<http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/index.php>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **O acontecimento comunitário e o associativismo: construção identitária no fluxo afroperiférico no Centro do Rio de Janeiro**. I COPENE SUDESTE. 2015. Disponível em: <<http://copenesudeste.blogspot.com.br/p/anais.htmlAnais>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **O Serviço Social e as redes dialógicas: comunidades afroperiféricas e a Universidade Pública**. In: Univerdad 2014: 9º Congreso Internacional de Educación Superior, 2014, Havana. Memórias. Havana: Ministério de Educación Superior, 2014.

BAPTISTA, C. A. **Tecnologias em redes e estratégias sócio-educativas: produção de saberes em espaços não-escolares.** In: VII Seminário internacional as redes educativas e as tecnologias: transformações e subversões na contemporaneidade. Comunidades Jongueiras: memória, territorialidade e africanidades. In: I Seminário Internacional: Educação contextos contemporâneos demandas populares, v. 1, Seropédica-Itaguaí/RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOSCHETTI, I. Comunicação como direito e ação política. Prefácio. **Mídia, Questão Social e Serviço Social**, São Paulo: Cortez, 2009.

BOURDIEU, P. **Os Usos Sociais da Ciência:** Por uma sociologia Clínica do Campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CAMPOS, A. **Do Quilombo à favela:** a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes:** discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de doutorado, 2006.

CARVALHO, J. J. **Inclusão Étnica no Ensino Superior:** a questão das Cotas no Ensino Superior. São Paulo: Attar, 2005.

CASSAB, M. A. T. **Jovens pobres e o futuro:** a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza. Niterói: Intertexto, 2001.

CASTEL, R. **As Metamorfoses da Questão Social:** Uma Crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTELLS, M. **Cidade, Democracia e Socialismo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CESÁIRE, A. **O discurso sobre o colonialismo.** Madrid: Ediciones Akal, S.A, 2006.

CHAGAS, M. S.; PIRES, V. S. (Orgs.). **Território, museus e Sociedade:** práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro: UNI-RIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

COELHO, F. D. **História Urbana e Movimentos Sociais:** O Movimento da reforma urbana (1950-1990). Tese de doutorado em história. Niterói: UFF, 1996.

COSTA, M. S, R. **Rádio, Arte e Política**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

COUTINHO, C. N. Gramsci, um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

COUTINHO, C. N. In: BRAZ, M. (Org.). Samba, Cultura e Sociedade: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

DODEBEI, V.; ABREU, R. (Orgs.). **E o Patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa/ Programa de Pós-graduação em Memória Social Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

FERGUSON, I. Serviço Social radical, um outro Serviço Social é possível? **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.

FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em Processo**. 3. ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2009.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. São Paulo: Ed Paz & Terra, 2014.

FRANCO, M. **UPP, a redução das Favelas a três letras**: uma análise da política de segurança do Estado do Rio de Janeiro, RJ: UFF, 2014.

FRANTZ, F. **Peles negras, Máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FRASER, N. **Reconhecimento sem Ética**. São Paulo: Lua Nova, 2007.

GOMES, F. S. **Palmares**: Escravidão e liberdade no Atlântico Sul-São Paulo: Contexto, 2005.

GOMES, F. S.; DOMINGUES, P. **Da nitidez e invisibilidade**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

GONÇALVES, R. S. **Favelas do Rio de Janeiro**: História e Direito. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2013.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira S.A, 1981.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOBBSBAWM, E. J. **A Era do Capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

IANNI, O. **A Sociologia e o Mundo Moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LE GOFF, J. (présidence) **Patrimoine et Passions identitaires**. Paris: Éditions Du Patrimoine, 1997.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LOUREIRO, C. F. B.; TORRES, J. R. (Orgs.). **Educação Ambiental**: dialogando com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2014.

MACHADO DA SILVA, L. A. **Fazendo a Cidade**: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

MEMMI, A. **Retrato do Colonizado precedido de retrato do Colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2016.

MINOM. Movimento Internacional da Nova Museologia. Disponível em: <<http://www.minom-icom.net/2020>>.

MIRANDA, M. A. **Violência e Cidadania no Cotidiano dos moradores de Favelas**: Um estudo de caso. Dissertação de Mestrado da Escola de Serviço Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

MUNANGA, K. As ambiguidades do Racismo à Brasileira. In: KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. (Orgs.). **O Racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PAIVA, R. **O Espírito Comum**: Comunidade, Mídia e Globalismo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003

QUIJANO, A. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. Lima, Peru: CLACSO, 2005.

RAICHELLIS, R. **Questão Social e as novas Clivagens**. Rio de Janeiro: Lua Nova, 2006.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SALES, M. A.; RUIZ, J. L. S. **Mídia, Questão Social e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2009.

SALES, M. A.; RUIZ, J. L. S. **Mídia, Questão Social e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, B. S. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, J. R. **Épuras do Social**: Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2004.

SANTOS, J. T. **Mapeamento dos Terreiros de Salvador**. Semur, Sehab, Ceao-Ufba, Acbantú, Fenacab, Fundação Palmares e seppir. Salvador, BA: UFBA, 2008.

SANTOS, M. **Brasil**: Um país Distorcido. São Paulo: Edfolha, 2010.

SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHERER-WARREN, I. **Redes Emancipatórias**: nas lutas contra a exclusão e por direitos humanos. Curitiba: Appris, 2012.

SCHWARCZ, L. M. Raça, Cor e Linguagem. In: KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. (Orgs). **O Racismo e o Negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SILVA, C. R. R. **Maré**: a invenção de um bairro. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, H. S. **A remoção (re) pautada na cidade do Rio de Janeiro**: discursos, mídias e resistências 2005 a 2010. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2010.

SILVA, L. A. M. **Fazendo a Cidade**: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas. Rio de Janeiro: Ed. Mórula, 2016.

SILVA, L. C. **Museu da Maré**: O lugar de Memória ou Memória do lugar e sua interface na Educação não formal. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

SILVA, R. L. G. **A Maré e seus complexos**: Desvelando o microterritório da Favela MacLaren com destaque para as condições de vida e saúde de seus moradores. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública, Rio de Janeiro 2016).

SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em Rede. Petrópolis, R.J: Vozes, 2013.

SODRÉ, N. W. **Formação Histórica do Brasil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

VIEIRA, A. C. P. **A Guanabara como natureza**: Águas Cariocas. Rio de Janeiro: Outra Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. **Do engenho à favela, do mar ao chão, memórias da construção do espaço da Maré**. 2008. 289 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Maré: casa e museu, lugar de memória. **MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 153-160, 2007.

\_\_\_\_\_. **Usos do Passado**. XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

WEINSTEIN, B. **Prefácio**. Da nitidez e invisibilidade: legado do pós-emancipação no Brasil. Belo Horizonte, MG: Fino traço, 2013.

WESSELING, H. L. **A partilha da África**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

YAZBECK, M. C. **Classes Subalternas**. São Paulo, Vozes, 1993.